

Cadernos Teologia Pública

Papa Francisco no Brasil, alguns olhares

ISSN 1807-0590

ano VII – número 79 – 2013

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



 JESUITAS

 UNISINOS
Somos Infinitas possibilidades

Papa Francisco no Brasil

alguns olhares

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos Teologia Pública

Ano X – Nº 79 – 2013

ISSN 1807-0590

Responsáveis técnicos

Cleusa Maria Andreatta

Caio Fernando Flores Coelho

Revisão

Carla Bigliardi

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

MS Ana Maria Formoso – Unisinos

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Dra. Susana Rocca – Unisinos

Conselho científico

Profa. Dra. Edla Eggert – Unisinos – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Faustino Teixeira – UFJF-MG – Doutor em Teologia

Prof. Dr. José Roque Junges, SJ – Unisinos – Doutor em Teologia

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS – Doutor em Teologia

Profa. MS Maria Helena Morra – PUC Minas – Mestre em Teologia

Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen – CES/ITASA-MG – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner – EST-RS – Doutor em Teologia

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590 8223 – Fax: 51.3590 8467

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, culturas e religiões de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Busca-se, assim, a participação ativa nos

debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes concepções de mundo e as religiões, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.

Sumário

Apresentação	7
A Igreja de Francisco. “Voltar para as fontes, e caminhar devagar no ritmo do povo”	11
<i>Entrevista especial com Paulo Suess</i>	
Uma Igreja missionária: a reforma de Papa Francisco	19
<i>Entrevista especial com Sérgio Coutinho</i>	
Uma Igreja mais pastoral e menos administrativa	25
<i>Entrevista especial com João Batista Libânio</i>	
“A JMJ cristalizou a consagração da cultura gospel católica no Brasil”	31
<i>Entrevista especial com Brenda Carranza</i>	
“Não podemos esquecer que o Papa Francisco é o mesmo cardeal Bergoglio de Buenos Aires”	38
<i>Entrevista especial com Ivone Gebara</i>	
“Mudanças na Igreja não acontecem como num passe de mágica”	42
<i>Entrevista especial com Manoel Godoy</i>	
“A viagem do Papa Francisco ao Brasil representou sua recepção pela Igreja da América Latina e Caribe”	49
<i>Entrevista especial com Pedro Ribeiro de Oliveira</i>	

A Jornada que eu vi e vivi	54
<i>Artigo de Moisés Sbardelotto</i>	
Francisco: uma bela surpresa de Deus	67
<i>Entrevista especial com Dom Mauro Morelli</i>	
A eleição do papa: um olhar feminino	72
<i>Artigo de Lucia Ribeiro</i>	
A Jornada Mundial da Juventude e a visita do Papa Francisco ao Brasil: notas reflexivas sobre mídia, religião e política	74
<i>Artigo de Magali do Nascimento Cunha</i>	
E agora Francisco, depois das jornadas?	85
<i>Artigo de Luís Alberto Gómez de Souza</i>	
Sobre os entrevistados e autores	89

Apresentação

O duplo evento eclesial da visita do Papa Francisco ao Brasil e da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) de 22 a 28 de julho de 2013 suscitou e continua suscitando uma enorme quantidade de análises e debates. A diversidade de comentários e análises sobre os significados e o alcance da visita e presença do Papa no Brasil, de modo geral, convergem no reconhecimento de que a força e importância de vários discursos dirigidos a diferentes públicos vinculam-se essencialmente à eloquência da linguagem dos seus gestos e atitudes. Na mesma perspectiva, grande parte das apreciações sobre o significado e singularidade da JMJ, vincula grande o sucesso de sua realização à singularidade da figura do Papa Francisco.

Participando ativamente desse debate, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU realizou diversas entrevistas com estudiosos de diferentes áreas de conhecimento, além de publicar diversos artigos e notícias sobre o as-

sunto. O presente Caderno Teologia Pública reúne entrevistas e artigos inéditos publicados no sítio do IHU.

Paulo Suess, teólogo, comenta as características da teologia de Francisco, a importância de seus gestos e sua metodologia de ver e discernir a partir da realidade antes de proferir seus discursos enquanto metodologia que pode ser adotada pelas Conferências Episcopais de todo o continente, e avalia os discursos do Papa aos Bispos do Brasil e do CELAM, bem como as críticas do Papa à Igreja latino-americana e caribenha.

Sérgio Coutinho, definindo a primeira visita do Papa Francisco ao Brasil como *apoteótica*, ressalta que Bergoglio desenvolveu um “verdadeiro programa pastoral” para os bispos do Brasil e do CELAM, tomando como “chave de leitura” o magistério dos bispos da América Latina e Caribe explicitado no Documento de Aparecida” e acentuando a necessidade de uma “conversão pastoral”. Por outro lado, observa que este pontificado representa uma “ruptura com um modo ‘monárquico-

imperial' de papado para um mais 'pastoral-colegial'”, a qual já iniciou com a renúncia de Bento XVI.

João Batista Libânio, teólogo jesuíta, destaca a opção do Papa Francisco por dar um cunho pastoral à sua visita, o qual se expressa em discursos diretos, na forma de se aproximar das pessoas e nos diferentes discursos. Ele distingue e caracteriza os vários tipos de discursos, cada um com valor próprio e incomparável – aos jovens, ao povo pobre de Manguinhos e aos dependentes químicos, à sociedade e aos políticos, aos Bispos e religiosos. Evidenciando a aposta de Bergoglio na mudança das estruturas da Igreja “pela força do *élan* missionário, servindo as pessoas em comunidade”, o que “implica renovação interna da Igreja e diálogo com o mundo”, retoma também seu alerta sobre diversos riscos para a missionariedade da Igreja e as demandas de discernimento.

Brenda Carranza, doutora em ciências sociais, ao analisar a JMJ como um evento de evangelização da juventude que reuniu jovens de diferentes culturas e línguas e a precariedade de condições para a realização do evento, destaca que “são a interculturalidade, alteridade, paciência e gratuidade as que educam essa geração que, indiscutivelmente, transfere para a vida cotidiana o que vivência no plano religioso”. Por outro lado, demonstra

que a JMJ cristalizou a consagração da cultura gospel católica no Brasil, como fruto de um processo histórico-cultural que deita suas raízes no universo evangélico. Comentando a visita do Papa, distingue-a em dois momentos, com agendas paralelas, com momentos de previsto de convergência entre ambas: o encontro com os jovens na JMJ, e o encontro do Papa com outros setores da Igreja e da sociedade civil. Além disso, analisa o papel da mídia na construção da imagem do Papa e os recados do Papa à Igreja do Brasil.

Ivone Gebara, filósofa, enfatizando a importância da figura e da linguagem do Papa Francisco caracterizada pela simpatia, proximidade das pessoas e simplicidade da linguagem, bem como a importância de suas posições em relação ao governo da Igreja, dedica sua análise especialmente às dificuldades no tratamento de questões relativas à causa das mulheres na Igreja e a questões de gênero e moral sexual, envolvendo temas como casamento gay, aborto, contraceptivos... Segundo ela, “a teologia e a ética sexual oficial da Igreja Católica ainda se referem a um mundo pré-moderno onde os avanços da ciência não tivessem afetado a cultura e a moralidade das pessoas”.

Manoel Godoy, teólogo, defende que o conteúdo das mensagens deixadas pelo Papa Francisco precisa

ser analisado com mais cuidado, uma vez que existem níveis diferentes e os destinatários variam enormemente e destaca como pontos positivos de seus discursos sua visão sobre a pessoa do bispo, a Igreja, o papel dos leigos e sobre as ideologias. Para ele, nas falas do Papa ainda não é possível “delinear as linhas mestras de seu pontificado”, mas apenas alguns acentos. Suas análises enfocam as características da teologia de Francisco, os desafios para a reforma da Cúria romana e a posição do Papa em relação aos homossexuais e o descompasso entre os discursos do Papa e a postura do clero presente quanto ao carreirismo na Igreja.

Pedro Ribeiro de Oliveira, sociólogo, considera a visita do Papa Francisco ao Brasil como sua recepção pela Igreja da América Latina e Caribe. Entre os gestos mais significativos do Papa analisa o fato de ele separar sua pessoa do exercício de suas funções e sua insistência de que o lugar dos cristãos – clérigos, religiosas, leigos e leigas – é no espaço público, e não dentro dos templos e sacristias. Em seus comentários sobre os discursos do Papa destaca especialmente os impulsos que deles emergem para as pastorais sociais, as Comunidades Eclesiais de Base e o laicato.

Moisés Sbardelotto contribui para este volume com um relato de sua vivência da Jornada Mundial da

Juventude, através de uma reflexão pessoal focada, principalmente em três atores: a cidade do Rio, os jovens participantes e o Papa Francisco.

Dom Mauro Morelli, bispo emérito da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, no Rio de Janeiro, afirma que o pontificado de Francisco acena para “algumas questões que precisam ser entendidas”. Entre elas, enfatiza, “resgatar a dimensão humana, porque, do contrário, tudo perde o sentido. A grande demonstração dele (do Papa Francisco) é a humanidade no sentido de ser gente, comportar-se como gente, comover-se como gente. Esse é o grande foco de sua transformação”.

Lucia Ribeiro, socióloga, colabora neste volume dos Cadernos Teologia Pública com um artigo sobre a eleição do papa sob um ponto de vista feminino. Segundo ela, “não se trata, simplesmente, de exigir uma participação feminina na atual estrutura de poder eclesial, nem mesmo de apenas levantar a temática da ordenação de mulheres. O que é preciso questionar é a própria estrutura hierárquica. Porque esta não é apenas patriarcal: é também uma verdadeira autocracia”.

Magali do Nascimento Cunha, doutora em ciências da comunicação, discute os desafios para a reflexão em torno dos desdobramentos que a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) e a visita do Papa Francis-

co ao Brasil enquanto eventos religiosos trazem para a relação mídia-religião-política. Destacando a singularidade da JMJ pela presença do Papa Francisco, analisa seus impactos para um reposicionamento da Igreja no Brasil.

Luis Alberto Gómez de Souza, sociólogo, registra alguns pontos positivos da visita do Papa e aponta para algumas perspectivas para o futuro a partir da JMJ. Destacando o tom pessoal muito forte que Francisco passou ao dirigir-se à multidão e a eloquência e firmeza

de sua mensagem ao dirigir-se a diferentes públicos ele afirma que o “importante agora é o que está por vir”: o que se espera é que Francisco possa “passar de gestos e sinais, para medidas que introduzam algumas mudanças estruturais na Igreja e, principalmente, no seu centro romano”.

Todas as entrevistas foram realizadas por Patrícia Fachin, jornalista, e publicadas na página eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

A Igreja de Francisco. “Voltar para as fontes, e caminhar devagar no ritmo do povo”

Entrevista especial com Paulo Suess

“Missão, participação, proximidade aos pobres, diálogo, estruturas a serviço do povo de Deus – eis as inspirações pastorais novamente lançadas pelo Papa Francisco”, afirma o teólogo.

“A teologia do Papa Francisco é missionária, pastoral e espiritual, orientada para a proximidade com os pobres nas diferentes periferias do mundo, periferias geográficas, sociais, culturais e existenciais”, afirma Paulo Suess em entrevista concedida à *IHU On-Line* por e-mail. Para ele, os discursos mais importantes de Francisco “são seus gestos”, de tal modo que “sua ida para Lampedusa foi mais importante do que sua *Encíclica Lumen Fidei* (...) Sua metodologia de ver e discernir a realidade antes de pronunciar discursos e agir, agora pode ser retomado pelas Conferências Episcopais de todo o continente”.

Na entrevista a seguir, Suess avalia os discursos proferidos pelo Papa em visita ao Brasil e enfatiza que a mensagem aos bispos brasileiros é “uma releitura do Documento de Aparecida. (...). A partir do episódio dos dois discípulos de Emaús, que fogem de Jerusalém e da ‘nudez’ de Deus, Francisco faz uma leitura do Êxodo da Igreja, analisa suas razões para depois dar o recado aos pastores. ‘Somos uma Igreja capaz de reconduzir o povo, que está em fuga, a Jerusalém, onde estão nossas fontes? Somos capazes de contar de tal modo essas fontes, que despertem o encanto pela sua beleza? Haverá algo de mais alto que o amor revelado em Jerusalém? Nada é mais alto do que o abaixamento da Cruz, porque lá se atinge verdadeiramente a altura do amor!’”

Paulo Suess nasceu na Alemanha. É doutor em Teologia Fundamental com um trabalho sobre Catolicismo popular no Brasil. Em 1987, fundou o curso de

Pós-Graduação em Missiologia, na Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, onde foi coordenador até o fim de 2001. Recebeu o título de Doutor honoris causa, das Universidades de Bamberg (Alemanha, 1993) e Frankfurt (2004). É assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário – Cimi e professor no ciclo de pós-graduação em missiologia, no Instituto Teológico de São Paulo – ITESP. Entre suas publicações, citamos Dicionário de Aparecida. 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida (São Paulo: Paulus, 2007).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Há muitos comentários acerca do jeito de ser do Papa Francisco, contudo, teologicamente, quais devem ser as linhas mestres de seu pontificado? Já é possível vislumbrar algo nesse sentido?

Paulo Suess – A teologia do Papa Francisco é missionária, pastoral e espiritual, orientada para a proximidade com os pobres nas diferentes periferias do mundo, periferias geográficas, sociais, culturais e existenciais. Nessa proximidade está enraizada a sua teologia. Sua Teologia emerge de uma Mariologia biograficamente assentada e de uma Cristologia formada pela Companhia de Jesus.

Mário Bergoglio perdeu cedo a sua mãe, o que tornou a Mãe de Deus muito importante em sua vida. Na Igreja, que nasce em Jerusalém, Maria, diz Francisco, é mais importante que os apóstolos. Nesta perspectiva ele vai incentivar a dignidade da mulher na Igreja que considera mais importante do que a hierarquia.

Quando os superiores mandaram Mário Bergoglio para fazer estudos de pós-graduação em Frankfurt, logo interrompidos por outra responsabilidade na Companhia, na volta para a sua terra não trouxe escritos acadêmicos em sua mala, mas uma devoção mariana no coração: “Maria a Desatadora dos Nós” que ele encontrou em Augsburg. Essa devoção, que responde às aflições do povo simples, hoje a encontramos espalhada em toda a América Latina. É a devoção da Imaculada que Bergoglio reencontrou em Aparecida. Eventos importantes em sua vida, o Papa Francisco sempre vai iniciar aos pés da Imaculada Desatadora dos Nós, aos pés da cruz.

Com Maria, o Papa Francisco se encontra em Jerusalém. Em Jerusalém foi revelado o amor despojado de Deus. Em Jerusalém, diz Francisco, se encontram as fontes da Igreja: Escritura, Catequese, Sacramentos, Comunidade, amizade do Senhor. Em Jerusalém também se encontram suas fontes de autenticidade, humildade e proximidade. A proximidade atinge o ponto máximo na

encarnação. As fontes acompanham o rio. Ninguém tem visto de permanência, nem em Aparecida nem em Jerusalém; são ícones que acompanham a caminhada que é ação na contemplação. São pontos de partida de uma cristologia encarnada, de uma mística vivida na ação em qualquer lugar, sempre “a maior Glória de Deus” (Santo Inácio). O nome é Francisco, mas teologia e espiritualidade de Francisco são inacianas.

IHU On-Line – Entre os discursos do Papa, qual aponta como o mais importante desde seu pontificado? Por quê? O que ele diz em termos de identificação com a Igreja?

Paulo Suess – Os discursos mais importantes do Papa Francisco são seus gestos. Sua ida para Lampedusa foi mais importante do que sua *Encíclica Lumen Fidei*. O gesto de visitar a comunidade de Varginha foi mais importante do que seu discurso “padronizado” que lá proferiu. Sua metodologia de ver e discernir a realidade antes de pronunciar discursos e agir, agora pode ser retomado pelas Conferências Episcopais de todo o continente. Mário Bergoglio se diz “filho da Igreja”. Não confunde radicalidade cristológica com aventura pastoral. “Sentir com a Igreja” faz parte da espiritualidade inaciana. Mas, faz parte dessa espiritualidade também o “discernimento”.

IHU On-Line – Que avaliação faz do discurso que o papa fez para os Bispos do Brasil, no sábado e, posteriormente, para os Bispos do Celam? O que é possível entender por reforçar e reformar as estruturas da Igreja?

Paulo Suess – O discurso para os Bispos do Brasil é uma releitura do Documento de Aparecida. Depois de uma interpretação espiritual do encontro da imagem da Imaculada Conceição como entrada de Deus nas vestes da pequenez da vida do povo, o papa se volta para a mensagem de Aparecida 2007. A partir do episódio dos dois discípulos de Emaús, que fogem de Jerusalém e da “nudez” de Deus, Francisco faz uma leitura do Êxodo da Igreja, analisa suas razões para depois dar o recado aos pastores. “Somos uma Igreja capaz de reconduzir o povo, que está em fuga, a Jerusalém, onde estão nossas fontes? Somos capazes de contar de tal modo essas fontes, que despertem o encanto pela sua beleza? Haverá algo de mais alto que o amor revelado em Jerusalém? Nada é mais alto do que o abaixamento da Cruz, porque lá se atinge verdadeiramente a altura do amor!”

Voltar com o povo para Jerusalém, voltar para as fontes, e caminhar devagar no ritmo do povo! “A Igreja sabe ainda ser lenta: no tempo para ouvir, na paciência para costurar novamente e reconstruir? Ou a própria Igreja já se deixa arrastar pelo frenesi da eficiência?”

pergunta o Papa. Depois retoma desafios do Documento de Aparecida, como a formação, colegialidade e solidariedade, o estado permanente de missão e Amazônia.

Também em seu discurso aos bispos do Celam, Francisco segue, novamente, o Documento de Aparecida e cobra uma Igreja que coloca “em chave missionária a atividade habitual das Igrejas particulares”. Em consequência disso, evidentemente, verifica-se toda uma dinâmica de reforma das estruturas eclesiais. A “mudança de estruturas” (de caducas a novas) é consequência da dinâmica da missão. O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos é justamente a missionariedade. Não só a Cúria Romana, cada diocese, cada paróquia tem estruturas que precisam ser ajustadas.

Em função dessa missionariedade, o papa vislumbra uma Igreja voltada ao povo, proativa, participação dos leigos e o funcionamento das estruturas participativas: “Acho que estamos muito atrasados nisso”. Não podemos simplesmente continuar com os parâmetros da “cultura de sempre”, fundamentalmente uma cultura de base rural. Uma pastoral descontextualizada “acabará anulando a força do Espírito Santo. Deus está em toda a parte: há que saber descobri-lo para poder anunciá-lo no idioma dessa cultura; e cada realidade, cada idioma tem um ritmo diferente”.

Missão, participação, proximidade aos pobres, diálogo, estruturas a serviço do povo de Deus – eis as inspirações pastorais novamente lançadas pelo Papa Francisco.

IHU On-Line – Qual é o impacto dos bispos do Celam no pontificado de Francisco?

Paulo Suess – O Papa Francisco já mostrou que procura fortalecer na Igreja a colegialidade e a sinodalidade. Já no primeiro dia de seu papado procurou ajustar a relação entre Bispo de Roma e Papa de toda a Igreja católica: “O Papa é bispo, Bispo de Roma; e porque é Bispo de Roma é sucessor de Pedro, Vigário de Cristo. São outros títulos, mas o primeiro título é ‘Bispo de Roma’, e daí deriva tudo”, disse aos jornalistas no avião que o levou de volta para Roma, e acrescentou: “Há sempre o perigo de considerar-se um pouco superior aos outros, e não como os outros; considerar-se um pouco príncipe. [...] O bispo à frente dos fiéis, para assinalar o caminho; o bispo no meio dos fiéis, para ajudar a comunhão; e o bispo atrás dos fiéis, porque muitas vezes os fiéis têm o faro do caminho. O bispo deve ser assim”.

Depois o Papa falou das tentações da autorreferencialidade, do funcionalismo e do clericalismo, criticou pastorais “distantes”, pastorais disciplinares que privile-

giam os princípios, as condutas, os procedimentos organizacionais... obviamente sem proximidade, sem ternura, nem carinho. Ignora-se a “revolução da ternura”, que provocou a encarnação do Verbo. Eis os alvos da “conversão pastoral” apontados no Documento de Aparecida. Terminou seu discurso, se incluindo, na afirmação do atraso: “Estamos um pouco atrasados no que se refere à conversão pastoral”.

Certamente precisamos uma reorientação dos canonistas, dos núncios e de uma nova geração de bispos que acompanham a proposta de despojamento e que abrem mão de suas orientações disciplinares e organizacionais, sem nexo pastoral.

IHU On-Line – Qual a teologia de Bergoglio e como ela se diferencia da Teologia da Libertação, praticada na América Latina?

Paulo Suess – A Teologia da Libertação não é uma escola, mas uma prática teológico-pastoral articulada com diferentes contextos culturais e realidades sociais. Por conseguinte, existe um grande leque de Teologias da Libertação. Mário Bergoglio, vindo do contexto argentino, faz parte desse leque, que une a opção pelos pobres à metodologia do ver-julgar-agir que constrói o pensamento teológico articulado com a realidade sócio-histórica e

cultural do povo simples. A trajetória de Bergoglio mostra que ele faz questão de testar a sua reflexão teológica e espiritual na proximidade física com “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias” (GS 1) dos que sofrem discriminação e fome. Bergoglio é um praticante da Teologia da Libertação.

IHU On-Line – Em seus discursos, Bergoglio tocou em outro ponto: o atraso da igreja latino-americana. Como compreende essa crítica? O que ficou subentendido nas palavras do Papa?

Paulo Suess – Ao falar da igreja latino-americana e caribenha precisamos distinguir entre diferentes setores dessa igreja. Atrasados são aqueles setores que acreditam ser possível melhorar a vida do povo através de alianças com as elites, com suas teologias pelagianas e gnósticas. Atrasados são aqueles que sentem os problemas e têm medo de atitudes proféticas. O Papa Francisco, em seu diálogo com a junta diretiva da Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas (CLAR), no dia 6 de junho, pediu ter coragem, e de levar sua missão aos limites e às fronteiras: “Nessas andanças arriscadas podem cometer erros. Podem até receber uma carta da Congregação para a Doutrina da Fé recriminando suas atitudes. Não se preocupem! Expliquem e

sigam adiante! Abram portas e façam algo, onde a vida clama! Prefiro uma Igreja que comete erros à uma Igreja que adoece por ficar fechada”. O jesuíta Bergoglio, com seus 76 anos de vida, aprendeu que a primeira virtude da colegialidade episcopal e da comunhão eclesial não é a obediência, mas o diálogo. Por isso pede das Igrejas locais a solidariedade radical com os pobres e uma lealdade crítica e dialogal com Roma: “Não tens medo da denúncia... Vão passar mal, vão ter problemas, mas não tens medo! Essa é a profecia da vida religiosa!”

IHU On-Line – Por que, na sua avaliação, o Papa não deu ênfase a questões morais em seu discurso, especialmente no que se refere ao aborto, considerando que o Congresso Nacional aprovou o projeto de lei que legaliza o aborto no Brasil?

Paulo Suess – Numa entrevista relâmpago, Francisco responderia provavelmente assim:

1. “Quem sou eu para julgar as pessoas que fizeram aborto? Quem sou eu para julgar os gays? Quem sou eu para julgar a mãe solteira?”
2. “A minha posição é a da Igreja. Sou filho da Igreja. O aborto é ruim”.
3. “Precisamos ir às causas, às raízes. Atrás da lei de ampliar as possibilidades de aborto existem inte-

resses, dinheiro... Não podemos ficar somente com os sintomas”.

4. “No trato pastoral dessas questões, não sejam uma espécie de “alfândega pastoral” nem legalistas, mas seguidores do Bom Pastor! A Igreja não deve fechar as portas a ninguém. Batizem o filho da mãe solteira, acolhem o gay como Nossa Senhora de Aparecida o acolheria! Reservem um tempo para visitar a casa da mulher, que cometeu aborto, e escutem a sua história! Não atirem a primeira nem a última pedra contra essa gente!”

Essas foram as respostas que o papa Francisco deu aos participantes da Missa na Casa Santa Marta, no fim de maio, em Roma, ao pessoal da CLAR e a jornalista brasileira Patrícia Zorzan, no voo de volta a Roma, dia 28 de junho.

IHU On-Line – Qual é o significado do discurso do Papa no Teatro Municipal, no qual propõe recuperar a política como caridade?

Paulo Suess – No Teatro Municipal acompanhamos um papa que nos dá um exemplo de aproximação a ambientes não eclesiais. Francisco não se aproxima às pessoas com dedo em riste (se lembram de uma visita papal na Nicarágua?). Ele está acostumado de conviver com santos e pecadores, nos quais se inclui, pedindo orações.

Francisco é um papa que pede licença para poder entrar na casa dos pobres e na assembléia das elites. No Teatro Municipal, o Papa deu uma aula concisa em torno dos seguintes apontamentos:

- ▶ O cristianismo une transcendência e encarnação. Por conseguinte procura unir e revitalizar o pensamento e a vida, e dar à racionalidade científica e técnica um “vínculo moral”.
- ▶ A vida nos cobra responsabilidade social que assumimos pela política. Por conseguinte precisamos “reabilitar a política, que é uma das formas mais altas da caridade”.
- ▶ A política deve evitar o elitismo da democracia representativa, muitas vezes fechada no mero equilíbrio de representação de interesses; deve incentivar “cada vez mais e melhor a participação das pessoas” com a finalidade de assegurar a todos “dignidade, fraternidade e solidariedade”.
- ▶ Participação e diálogo entre as diversas riquezas culturais fazem crescer o país. A única maneira para fazer avançar a vida dos povos é o diálogo e a cultura do encontro. Nesse diálogo, “todos têm algo de bom para dar, e todos podem receber em troca algo de bom”. Esse

diálogo exige “humildade social” que abre mão de exigências hegemônicas culturais e sociais.

- ▶ As “grandes tradições religiosas” podem desempenhar um papel fundamental para a convivência harmoniosa de uma nação, já que a laicidade do Estado garante sua convivência pacífica.

O discurso do Papa Francisco tinha três recados para a própria Igreja:

- ▶ Quando estais percorrendo o mundo, não espantem as pessoas com um discurso identitário sobre sua catolicidade. Francisco não falou nenhuma vez em toda a sua passagem por Brasil da superioridade católica.
- ▶ Não se orgulhem de viver fora da política! Precisamos reabilitar, na Igreja, a política – nem politicagem, nem política partidária – como uma das formas mais altas da caridade. Não basta ser bom e pobre. Precisamos ser politicamente instruídos, destemidos, proféticos, bons e pobres.
- ▶ A Igreja é grata ao Estado por sua laicidade que é um pressuposto da convivência pacífica entre as religiões.

Lacunas no discurso do Papa Francisco? Sempre haverá lacunas. Quero lembrar apenas uma. Porque o Papa argentino só falou das “grandes tradições religiosas”. A religião dos Guaraní e Mapuche, dos Quéchua e dos Astecas não teriam também um papel fundamental para a convivência harmoniosa de uma nação? Temos

que pedir a Francisco para completar a obra de Anchieta que poderia ser o milagre que até hoje falta para a sua canonização. O *sumak kawsay*, o bem viver do mundo andino, não representa um papel fundamental para repensar as democracias elitistas e o desenvolvimento destrutivo do nosso continente?

Uma Igreja missionária: a reforma de Papa Francisco

Entrevista especial com Sérgio Coutinho

“A compreensão de ‘conversão pastoral’ em Francisco vai, antes de mais nada, muito além das mudanças meramente ‘estruturais’ na Igreja. Ela se refere principalmente a ‘mudanças de atitudes’”, frisa o historiador.

“Apoteótica”. É assim que o historiador Sérgio Coutinho define a primeira visita do Papa Francisco ao Brasil, a qual, “teve um impacto maior que a primeira visita do Papa João Paulo II, em 1980, e muitíssimo acima em relação à visita de Bento XVI, em 2007”. Na avaliação dele, os discursos breves foram “bem estruturados do ponto de vista das ideias” e tiveram uma “forte carga profética: denunciando as injustiças e anunciando a possibilidade de ‘outro mundo possível’ e de ‘outra Igreja possível’”.

Na entrevista a seguir, concedida à *IHU On-Line* por e-mail, Coutinho ressalta que Bergoglio desenvolveu um “verdadeiro programa pastoral” para os bispos do

Brasil e do CELAM, o qual teve como “chave de leitura não o magistério dos Papas anteriores e dos Padres da Igreja, mas o magistério dos bispos da América Latina e Caribe explicitado no Documento de Aparecida”, acentuando a necessidade de uma “conversão pastoral”.

Para ele, este pontificado representa uma “ruptura com o modo ‘monárquico-imperial’ de papado para um mais ‘pastoral-colegial’”. E acrescenta: “Faz lembrar muito o pontificado de João XXIII, mas só que não na condição de um pontificado de ‘transição’ após a longuíssima era do Papa Pio XII. Desta vez, paradoxalmente, o pontificado de ‘transição’ foi feito justamente por Bento XVI porque, mesmo sendo uma continuidade em termos de projetos eclesiológicos (ou modelos de Igreja) com o longo período de governo de João Paulo II, ele iniciou a ‘ruptura’ com a sua renúncia e isto que possibilitou este giro de 180º”.

Sérgio Ricardo Coutinho dos Santos é mestre em História pela Universidade de Brasília – UnB e doutorado na mesma área pela UFG. É professor do curso de pós-graduação lato-sensu em História do Cristianismo Antigo da UnB e presidente do Centro de Estudos em História da Igreja na América Latina – CEHILA-Brasil. É assessor nacional da Comissão Episcopal para o Laicato – CEBs.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como avalia a visita do Papa Francisco ao Brasil? Quais foram os pontos altos e baixos analisando seus pronunciamentos?

Sérgio Coutinho – Diria que foi apoteótica. Penso que, comparativamente, sua visita teve um impacto no Brasil talvez maior que a primeira visita do Papa João Paulo II, em 1980, e muitíssimo acima em relação à visita de Bento XVI, em 2007.

Sobre os pronunciamentos, penso que todos foram muito bem medidos e estratégicos: para cada tipo de público, um recado bem direcionado. Foram discursos breves, bem estruturados do ponto de vista das ideias e, o mais importante, com forte carga profética: denunciando as injustiças e anunciando a possibilidade de “outro mundo possível” e de “outra Igreja possível”.

De acordo com os interesses temáticos, sejam eles sociais, políticos ou até mesmo religiosos, cada analista acabará por escolher algumas de suas falas. Sei, por exemplo, que a fala no Hospital para os jovens em recuperação da dependência química não foi bem recebido por aqueles que defendem a liberalização das drogas, já que Francisco se colocou contrário a esta proposta de forma contundente. Para os analistas, a “dependência química” mata muito menos que a “guerra do tráfico” e o papa Francisco não desenvolveu esta questão social importante.

Discursos

No meu modo de ver, de todos os discursos, eu elencaria quatro deles que me chamaram mais a atenção em função dos meus interesses de estudo: à comunidade de Varginha (no complexo de favelas de Manguinhos), aos jovens argentinos na Catedral do Rio de Janeiro e as duas feitas aos bispos da CNBB e do CELAM.

Em Varginha, porque ele vai à “periferia existencial” do Brasil e do mundo, explicitando sua opção pelos pobres e explicitando a centralidade da solidariedade (“sempre se pode ‘colocar mais água no feijão!’”) e da justiça social, elementos centrais da teologia latino-americana da libertação. Apesar disso, senti falta dele

valorizar o protagonismo dos pobres nesta luta contra as injustiças diante de um belíssimo banner de Dom Oscar Romero estendido no alambrado do campo de futebol da comunidade.

Os outros três, diria que são discursos mais pastorais e eclesiológicos. Para os jovens argentinos, Francisco, falando totalmente de improviso, incentiva-os a fazerem “barulho” e ajudar a Igreja a sair de si, desejando que a Igreja saia pelas estradas, se defendendo de tudo o que é mundanismo, imobilismo, comodidade, clericalismo, enfim “de tudo aquilo que é viver fechados em nós mesmos”.

Já para os Bispos do Brasil e do CELAM, ele desenvolve um verdadeiro programa pastoral tendo como “chave de leitura” não o magistério dos Papas anteriores e dos Padres da Igreja, mas o magistério dos bispos da América Latina e Caribe explicitado no documento de Aparecida. Para os bispos da CNBB lança quatro desafios: prioridade da formação para todos sujeitos eclesiais (bispos, padres, religiosos e leigos), colegialidade e solidariedade episcopal, estado permanente de missão e conversão pastoral, e, finalmente, a Amazônia. Mas para enfrentar estes desafios, como disse aos bispos do Comitê de Coordenação do CELAM, é necessário a “Conversão Pastoral” e, neste ponto, o papa Francisco avalia que “ainda estamos um pouco atrasados”.

IHU On-Line – A postura, os gestos e os discursos de Francisco apontam para que tipo de pontificado? Neste sentido, como avalia os primeiros meses do papado de Francisco, considerando a história e trajetória da Igreja?
 Sérgio Coutinho – Devo concordar com o conhecido vaticanista italiano Marco Politi que este pontificado é sim de “ruptura”. Ruptura com o modo “monárquico-imperial” de papado para um mais “pastoral-colegial”.

Faz lembrar muito o pontificado de João XXIII, mas só que não na condição de um pontificado de “transição” após a longuíssima era do papa Pio XII. Desta vez, paradoxalmente, o pontificado de “transição” foi feito justamente por Bento XVI porque, mesmo sendo uma continuidade em termos de projetos eclesiológicos (ou modelos de Igreja) com o longo período de governo de João Paulo II, ele iniciou a “ruptura” com a sua renúncia e isto que possibilitou este giro de 180°.

Por isso, me lembra também de um famoso livro do historiador italiano Giuseppe Alberigo sobre o papa Roncalli: “Do Bastão à Misericórdia”. O papa Francisco está de fato reintroduzindo este giro: do “bastão”, da “volta à grande disciplina” (João Batista Libânio) de João Paulo II e Bento XVI, para a “misericórdia”. Neste sentido, “misericórdia”, “serviço”, “diálogo”, “proximi-

dade”, “encontro”, “simplicidade” e “transparência” são as palavras de ordem deste pontificado.

IHU On-Line – No encontro com os bispos do CELAM, o Papa disse que o trabalho das Pastorais na América Latina ainda está muito atrasado. Como compreende essa declaração? De algum modo ela se relaciona com a 51ª AG da CNBB?

Sérgio Coutinho – A última Assembleia Geral da CNBB teve como preocupação central introduzir uma reflexão e estudo sobre a Paróquia enquanto como “comunidade de comunidades”. Um passo importante em vista da necessidade de “Conversão Pastoral” como pede o Documento de Aparecida.

No entanto, a compreensão de “conversão pastoral” em Francisco vai, antes de mais nada, muito além das mudanças meramente “estruturais” na Igreja. Ela se refere principalmente a “mudanças de atitudes”.

Neste encontro com os bispos do CELAM, Francisco propôs seis conjuntos de questões que poderíamos resumi-las numa só: “Temos dado, enquanto Igreja-hierárquica, espaço para a atuação madura e responsável dos agentes de pastoral e dos fiéis leigos, isto é, do conjunto de todo o Povo de Deus, na missão da Igreja no mundo de hoje?” A resposta: o nosso laicato é imaturo e clericalizado.

Por isso, para o Papa Francisco, as mudanças de atitudes (a “conversão pastoral” propriamente dita) devem seguir o seguinte roteiro de “pautas eclesiológicas”: a) uma Igreja que quer ser discípula missionária precisa se “des-centrar”, sair de si e ir para as “periferias existenciais”; b) para isso é necessário que a Igreja assuma a mesma postura da Virgem Maria: exercitar a maternidade, deixando de ser controladora para ser servidora e facilitadora da fé; c) daí, uma aproximação que toma a forma de diálogo para criar uma “cultura do encontro”; d) neste sentido é necessário que tenhamos bispos-pastores com “cheiro de ovelhas”, próximo ao povo, que amem a pobreza, sem a “psicologia de príncipes”.

IHU On-Line – O Papa também condenou o abuso de poder na Igreja e a inclusão de ideologias sociais no Evangelho, seja marxista, seja liberal. Como a Teologia da Libertação recebe essa crítica? Nesse sentido, o que é possível falar sobre a Teologia do povo, seguida pelo Papa?

Sérgio Coutinho – Em relação ao abuso de poder na Igreja, não só os(as) teólogos(as) da libertação denunciaram esta prática, mas ela é ainda uma das reclamações mais ouvidas e combatidas por muitos agentes de pastoral e fiéis em geral. Uma parte da explicação para a sangria de católicos para outras denominações cristãs está nesta prática que o papa Francisco chama de “clericalismo”.

Sobre a leitura que a Teologia da Libertação faz e a chamada Teologia do Povo, que papa Francisco parece se inspirar, há de fato pontos de partida diferentes, mas que não se excluem.

No discurso para os bispos do CELAM, Francisco exemplificou a “tentação” de uma leitura ideologizada da mensagem evangélica a partir do modo como se queria utilizar o método ver-julgar-agir em Aparecida. Ali, segundo ele, sofreram a tentação de se querer “ver a realidade” de forma totalmente asséptica, neutra, e isto, para ele, era totalmente inviável. “Sempre o ver está afetado pelo olhar. Não existe uma hermenêutica asséptica”, afirmou. Daí que se optou por uma hermenêutica a partir do olhar do “discípulo” para não “ficar fora da mesma mensagem do Evangelho e fora da Igreja”.

Pois bem, o “discípulo” para o papa Bergoglio é o “católico como povo” “e que se expressa fundamentalmente na piedade popular”. Como disse em Aparecida, “a fé simples dos romeiros” ou, como costuma dizer, “o povo fiel de Deus”. E ele sabe muito bem que este povo simples, em sua grande maioria, é pobre e sofre com a “cultura do descartável”.

A hermenêutica da Teologia da Libertação também não é asséptica porque o olhar é a partir do “pobre” que, além de praticar sua fé simples, também é sujeito para mudar a realidade de injustiça que existe, tal qual o

Papa Francisco se referiu aos jovens para lutarem por um mundo novo sem injustiças. Portanto, penso que as duas hermenêuticas, os dois olhares, da Teologia do Povo de Francisco e a da Teologia da Libertação latino-americana, se complementam e não se excluem.

Papa Francisco faz uma junção muito boa destas duas teologias, mas sem enfatizar o “pobre” como sujeito social, político e eclesial quando dá a receita para pôr fim ao clericalismo e a imaturidade do laicato: “A proposta dos grupos bíblicos, das comunidades eclesiais de base e dos Conselhos de pastoral vai na linha de superação do clericalismo e de um crescimento da responsabilidade laical”.

Penso que isso ajuda a entender o mandato de Francisco aos jovens argentinos: “Com essas duas coisas vocês têm o Plano de Ação: as Bem-aventuranças e Mateus 25. Vocês não precisam ler mais”.

IHU On-Line – A postura de Bergoglio e seus discursos mostram um desejo de reforma na Igreja? Que mudança seria esta? Qual é o significado da “missionariedade”, da qual fala o Papa ao tocar esse assunto?

Sérgio Coutinho – Parece-me que a grande reforma de Bergoglio é acabar com um modelo de Igreja que ele chama de autorreferencial, centrada em si mesma, e dar vazão a uma Igreja missionária que saia de si. De uma

Igreja “encurvada” e “doente” para uma Igreja “acidentada” que corre o risco de ir para o mundo, tocar “a carne de Cristo” nas periferias geográficas e existenciais.

IHU On-Line – O que Francisco quis dizer à igreja quando se referiu ao caminho da sinodalidade?

Sérgio Coutinho – Esta me parece ser também uma das grandes reformas de Francisco. “Synodós” significa “caminhar juntos”. Francisco quer que o ministério petrino seja feita em comunhão com os demais bispos deixando de lado de uma vez por todas as práticas de

“matriz-filial” que nos dois últimos pontificados se sedimentaram, apesar dos caminhos indicados pelo Concílio Vaticano II.

O problema que vejo aqui é se o conjunto dos bispos quer caminhar desta forma. Por isso, em seu discurso aos bispos da CNBB, Francisco sinalizou fortemente para a valorização não só de uma articulação nacional, mas também regional, criando assim uma rede de testemunhos para que assegurem a verdadeira unidade na riqueza da diversidade de experiências de Deus “para por em marcha uma dinâmica vital”.

Uma Igreja mais pastoral e menos administrativa

Entrevista especial com João Batista Libânio

“O Papa Francisco centra no encontro pessoal, no diálogo, na transparência da presença, no sorriso, na acolhida das pessoas, no estímulo a não temer medo e testemunhar a fé cristã”, avalia o teólogo.

“A teologia do Papa se distingue dos anteriores pelo acento na dimensão pastoral”, assinala João Batista Libânio em entrevista concedida à *IHU On-Line* por e-mail, ao comentar a visita de Francisco ao Brasil durante a Jornada Mundial da Juventude.

Na sua avaliação, “os dois Papas anteriores se empenharam em transmitir nas viagens, com a consciência da própria responsabilidade da unidade e da guarda do depósito da fé, a doutrina oficial da Igreja. E falavam longamente de temas teológicos ou da moral. O Papa Francisco fez outra opção. Preferiu o discurso direto, próximo das pessoas a tocá-las pela transparência da presença e por teologia simples, acessível com toque pes-

soal e afetivo. Para ele, sem sentir e ouvir as pessoas, as falas não atingem”.

Para o teólogo, Bergoglio aposta na mudança das estruturas da Igreja “pela força do *élan* missionário, servindo as pessoas em comunidade”, o que “implica renovação interna da Igreja e diálogo com o mundo”, e alerta para “o risco da ideologização da pregação do evangelho. Sempre presente, sob diversas formas: reducionismo socializante, psicologização, atitude gnóstica e pelagiana. Haja discernimento!”.

João Batista Libânio é padre jesuíta, escritor e teólogo. É doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) de Roma. Atualmente, leciona na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e é Membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais. É autor de inúmeros livros, dentre os quais *Teologia da revelação a partir da Mo-*

dernidade (5. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2005), *Qual o caminho entre o crer e o amar?* (2. ed. São Paulo: Paulus, 2005) e *Qual o futuro do Cristianismo?* (2. ed. São Paulo: Paulus, 2008).

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como avalia a visita do Papa ao Brasil?

João Batista Libânio – Chamaram realmente a atenção na pessoa do Papa em visita ao Brasil, antes de tudo, a simplicidade, o despojamento da pompa que costuma cercar tais visitas, a tranquila alegria do rosto acolhedor. Mostrou-se próximo das pessoas, especialmente das crianças e dos pobres. Não temeu, em momento nenhum, a cercania do povo. Circulava com vidro abaixado precisamente para saudar a gente e sentir-lhe o calor humano. Devolvia o mesmo afeto que recebia.

IHU On-Line – Qual foi o discurso mais importante do Papa Francisco no Brasil? Por quê?

João Batista Libânio – A importância dos discursos depende do ângulo de análise. Prefiro distinguir vários tipos de discursos, cada um com valor próprio e incomparável. Antes de tudo, falou aos jovens. Destinatário principal da viagem. Na maioria dos discursos referiu-se a eles. Três pontos me pareceram fundamentais. Antes

de tudo, mostrou-se preocupado com eles na situação de crise em que estão por razões do desemprego, de exclusão por parte do sistema, do assédio da cultura presentista e do prazer e do dinheiro, sem falar do desânimo que os ameaça diante da corrupção, da política em curso. Em face de tal situação, fala-lhes de esperança, de utopia, de coragem, de não ter medo de enfrentar a realidade, dando testemunho da própria fé. E, finalmente, incentiva-os à ação, a sair às ruas, a protestar e a criar uma sociedade e Igreja novas. Chama-os “porta do futuro”.

Outros dois discursos parecidos na tônica se deram também fisicamente vizinhos. A visita a Manguinhos e ao hospital de dependentes químicos. Aí predomina o olhar da compaixão, do cuidado, do afeto, da palavra de incentivo e coragem na luta. De novo, revela fina atenção às pessoas que sofrem.

Há os discursos à sociedade, aos políticos, aos intelectuais. Recordá-lhes a responsabilidade de manter a memória da história do povo e a esperança de construir o futuro de sociedade justa, fraterna, solidária. E insiste fortemente na importância do diálogo.

Três discursos visaram antes ao interno da Igreja: ao CELAM, aos Bispos do Brasil e aos religiosos. Aos religiosos lembrou três pontos fundamentais: a origem da vocação que vem de Deus, a missão de anunciar o

evangelho e a promoção da cultura do encontro. Sobre os dois discursos maiores aos Bispos do Brasil e do CELAM veremos mais a baixo.

IHU On-Line – Teologicamente, o que é possível compreender pela Teologia do Povo, adotada por Bergoglio? Em que consiste a teologia do papa?

João Batista Libânio – A teologia do Papa se distingue dos anteriores pelo acento na dimensão pastoral. Evitando todo corte artificial e equivocado entre dimensão teológica e pastoral, como nos adverte K. Rahner – toda teologia é pastoral, toda pastoral é teologia –, a diferença retrata acentos diversos. Em que ela consiste? Os dois Papas anteriores se empenharam em transmitir nas viagens, com a consciência da própria responsabilidade da unidade e da guarda do depósito da fé, a doutrina oficial da Igreja. E falavam longamente de temas teológicos ou da moral. O Papa Francisco fez outra opção. Preferiu o discurso direto, próximo das pessoas a tocá-las pela transparência da presença e por teologia simples, acessível com toque pessoal e afetivo. Para ele, sem sentir e ouvir as pessoas, as falas não atingem. Por isso, mostrou-se atento aos sinais do povo e falava, reagindo a eles.

IHU On-Line – Alguns especialistas estão chamando Francisco de Wojtyla de esquerda. Como vê essa interpretação?

João Batista Libânio – Não creio que a distinção esquerda e direita sirva para o caso. Prefiro dizer que João Paulo II estava preocupado com a doutrina, com a verdade, com o perigo dos erros no campo da fé. O Papa Francisco centra no encontro pessoal, no diálogo, na transparência da presença, no sorriso, na acolhida das pessoas, no estímulo a não temer medo e testemunhar a fé cristã.

IHU On-Line – O papa Francisco reiterou a necessidade de uma “conversão pastoral”. Como vê essa mensagem aos bispos do Brasil e do CELAM?

João Batista Libânio – Conversão pastoral significa precisamente isso: proximidade do sofrimento, das angústias, da vida das pessoas e daí falar-lhes palavras de conforto, de estímulo, de coragem, de esperança, a partir da fé em Jesus Cristo e na Igreja. Repetiu em várias circunstâncias quase à guisa de refrão duas frases: Não tenham medo e mantenham a esperança viva! Espera, portanto, da Igreja institucional que saia dos rincões fechados e vá às ruas encontrar e dialogar com as pessoas em seus problemas e dificuldades. Portanto, uma Igreja mais pastoral que

administrativa a visar ao encontro e diálogo com povo e não à organização. Eis a conversão pastoral!

IHU On-Line – Quais foram os pontos mais contundentes do discurso do papa para os Bispos da CNBB e do CELAM?

João Batista Libânio – Ao falar para os bispos, tomou como metáfora do discurso o evento das aparições de Nossa Senhora Aparecida. Usa expressões fortes do agir de Deus nela: humildade, surpresa, reconciliação. Toca-nos esperar a lentidão de Deus, o reconhecimento do mistério que habita o povo, em vez de enveredar-nos pelo caminho da racionalização apressada. Em lugar da riqueza dos recursos, desenvolvamos a criatividade do amor.

Insiste em não ceder ao medo, desencanto, desânimo, lamentações! Em seu lugar, coragem, ousadia, sair às ruas, dialogar com as pessoas, ouvi-las nas mais diversas situações, sem preconceitos, sem juízos prévios, caminhando a seu lado.

Entre si, que os bispos mantenham a colegialidade, solidariedade, diversidade sem forjar unanimidade que violente as riquezas regionais. Na sociedade, cabe à Igreja anunciar com clareza e liberdade o Evangelho.

Aos bispos do CELAM, fala de seu papel de colaborar solidária e subsidiariamente para promover, incen-

trar e dinamizar a colegialidade episcopal e a comunhão entre as Igrejas. Discurso bem diferente da verticalidade romana tão acentuada nos últimos tempos. Apoia-se em dois pontos importantes: o patrimônio herdado do Encontro de Aparecida e a renovação em curso das Igrejas particulares.

Chamou a atenção logo no início, ao recordar a Conferência de Aparecida, ao clima de partilha entre os bispos de suas preocupações, à oração e ao ambiente religioso com a “música de fundo” do cântico, das orações e da participação dos fieis peregrinos. Sentiam os bispos a presença do “Povo de Deus”. No horizonte, estava a Missão Continental. E tudo isso aconteceu em Santuário Mariano, em que se sentia a presença da Virgem Maria.

Ele aposta na mudança das estruturas da Igreja, não pela via “do estudo de organização do sistema funcional eclesialístico”, mas pela força do élan missionário, servindo as pessoas em comunidade. Isso implica renovação interna da Igreja e diálogo com o mundo.

Alerta para o risco da ideologização da pregação do evangelho. Sempre presente, sob diversas formas: reducionismo socializante, psicologização, atitude gnóstica e pelagiana. Haja discernimento! Alude aos fatores negativos do funcionalismo e do clericalismo que pedem a conversão pastoral de que se falou acima. Rejeita forte-

são para sim e para não. Afirmações contundentes de papas anteriores manifestaram-se mais tarde equivocadas. Se o leitor tiver curiosidade neste ponto, consulte a obra de GONZÁLEZ FAUS, I.. *A autoridade da verdade: momentos obscuros do magistério eclesiástico*. São Paulo: Loyola, 1998.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

João Batista Libânio – Os gestos e as palavras do Papa Francisco no Brasil ficarão gravadas, como alguém que veio estar perto de nós e não descarregar sobre nós conhecimentos doutrinários, normas, fazendo valer sua autoridade de Papa. Simplicidade, proximidade, alegria, esperança, coragem, não ter medo, saída de nós para encontrar e dialogar com todos: eis as palavras-chaves que nos deixou.

“A JMJ cristalizou a consagração da cultura gospel católica no Brasil”

Entrevista especial com Brenda Carranza

“Diria que, mesmo não sabendo o impacto real na transformação do comportamento dos ouvintes, a linguagem discursiva encontra no seu correlato a linguagem gestual e performática, um Papa que possui certa empatia natural com as massas”, avalia a doutora em Ciências Sociais.

Em sua visita ao Brasil, o Papa Francisco demonstrou que sua proposta está baseada em “diálogo, diálogo, diálogo”, observa Brenda Carranza, em entrevista concedida por e-mail à *IHU On-Line*. Na avaliação dela, o Papa insistiu na abordagem de “uma nova evangelização”, a qual exige “ir para as periferias existenciais, geográficas e econômicas, espirituais, ampliando assim a noção de pobreza e colocando no centro a carência do amor com todos seus desdobramentos”.

Brenda acentua que a comunicação verbal de Bergoglio “deixa claras suas ideias e, ao mesmo tempo, as reforça com frases de impacto e gírias juvenis (cultura

do encontro, da solidariedade, do descartável, globalização da indiferença; bota-fé, mais água no feijão)”. Para ela, nessa linguagem o Papa transmite “a visão da Igreja sobre a cultura contemporânea e suas relações com a modernidade, retomando, de forma pastoral, os eixos doutrinários da agenda dos pontificados anteriores que incluíram o relativismo, a laicidade e a descrença como ameaças à doutrina cristã, portanto, a necessária defesa do papel agregador da família e da Igreja”.

De acordo com a pesquisadora, os gestos de Francisco, comentados amplamente, são “atributos naturais, reais e verdadeiros, porém magnificados pela linguagem midiática”. E assinala: “Isso tem suas consequências, quer seja na forma como será direcionada a opinião pública quer como será recebida a pessoa, a personagem e sua mensagem. Portanto, será tecida a filigrana de um carisma midiático que, com o intervalo do pontificado de Bento XVI, estabelece um *continuum* entre Francisco

e João Paulo II, esse último perfilado como o Papa das multidões, o Papa peregrino”.

Brenda Carranza é doutora em Ciências Sociais e professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas, e coordenadora da Coleção Sujeitos & Sociedades da Editora Idéias & Letras.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Que avaliação faz da Jornada Mundial da Juventude – JMJ enquanto um evento de evangelização de jovens? A que atribui o sucesso desse encontro?

Brenda Carranza – A JMJ é um evento de massa que abrange um sentido muito elástico de evangelização, pois inclui diversas dimensões. Ao se propor congregar peregrinos brasileiros e estrangeiros, a JMJ propicia espaços e momentos de interculturalidade nos quais línguas, estilos diferentes, visões de mundo, interagem com um objetivo comum. Proposta nem sempre ao alcance de setores populares, majoritários nesse evento. Se é verdade que essa convivência não se improvisa, pois em tese os participantes preparam-se durante dois anos nas suas comunidades locais, também, é certo que será no confronto com o diferente que os jovens se exercitam na alteridade, na aceitação

do diferente, na curiosidade do conhecimento daquele que não pertence a meu círculo de relações próximas. Isso por si só já é um ganho. Dadas as condições da infraestrutura, por muitos apontada como precária e caótica, observou-se que os participantes tiveram paciência ao levar numa boa as dificuldades enfrentadas. É um milagre que milhares de pessoas se deslocassem, interagissem e convivessem durante vários dias, sem maiores percalços e com tanta disposição. Não resta a menor dúvida de que a gratuidade é a tônica que perpassa o evento, pois sem o trabalho dos mais de 65 mil voluntários, a JMJ teria sido inviável, humana e economicamente. São a interculturalidade, alteridade, paciência e gratuidade as que educam essa geração que, indiscutivelmente, transfere para a vida cotidiana o que vivência no plano religioso, portanto, com a respectiva incidência na construção da democracia participativa. Obviamente, isso faz com que o encontro seja um sucesso.

IHU On-Line – Ao analisar a JMJ, a senhora menciona a consagração de uma cultura gospel católica. Do que se trata especificamente? Como avalia essa cultura a partir da tradição e do objetivo da Igreja?

Brenda Carranza – Não imagino duas décadas atrás a possibilidade da realização de um *flash mob* com participação de cardeais, bispos e sacerdotes prévio à realização de uma eucaristia presidida pelo Papa. Acho que não se tinham as condições de manter, durante muitas horas e seguidas, shows animados por padres, bandas e artistas católicos (nacionais e internacionais), todos em sintonia com um estilo gospel. Estilo que nasce no seio das igrejas pentecostais protestantes que, aliaram à gestualidade (olhos fechados, expressões faciais chorosas, cabeça jogada para trás, braços levantados), à dança e, posteriormente, diversos gêneros musicais (rap, funk, hi-hop, forró, reggae), como expressões de louvor e adoração. No final dos anos 1990, com a consolidação do pentecostalismo católico, a Renovação Carismática Católica promoverá a disseminação da música como estratégia de evangelização da juventude, incentivando a formação de inúmeras bandas musicais e a incorporação do gosto gospel. Logo teremos a emergência de uma geração de sacerdotes e religiosos cantores que alavancarão a indústria fonográfica gospel na seara católica, abrindo um novo nicho de mercado consumidor.

Quando afirmo que a JMJ cristalizou a consagração da cultura gospel católica no Brasil, estou-me referindo à evidência desse processo, onde a música, a dan-

ça, a adoração e o louvor se entrelaçam com o mercado, o espetáculo, o entretenimento e a experiência religiosa. Em nome de uma modernização e rejuvenescimento da Igreja, essa é uma tendência que se impôs nas diversas latitudes eclesiais. Enquanto a tendência, a cultura gospel rompe com certo estilo tradicional de lidar com a juventude, substituindo o grupo de jovens por cristotecas – espaços de lazer, em ambientes sem álcool, nem drogas e sexo – que serão replicadas na congregação de milhares de jovens em eventos massivos como festivais, rebanhões, acampamentos etc. Por isso foi quase natural que em Copacabana assistíssemos a inúmeras apresentações de artistas consagrados pela mídia e a juventude, mas, na verdade, tal espetáculo é fruto de um processo histórico-cultural que deita suas raízes no universo evangélico.

IHU On-Line – *A senhora distingue a visita do Papa ao Brasil em dois momentos: o encontro com os jovens na JMJ, e o encontro do Papa com outros setores da Igreja e da sociedade civil. Quais as especificidades de cada encontro?*

Brenda Carranza – Sem dúvida são duas agendas, com especificidades e convergências. A JMJ pressupõe uma dinâmica própria que inclui uma semana missionária na qual os peregrinos de outros países fizeram visitas às

igrejas locais no Brasil. No Rio de Janeiro, os peregrinos realizaram encontros catequéticos com bispos brasileiros e de outros países, conviveram com famílias que os acolheram, confraternizaram entre eles ora na proximidade de línguas ora nos shows, nas atividades litúrgicas, na vigília, na via sacra, ainda nos percursos até Copacabana. Já o Papa teve pronunciamentos diante de autoridades oficiais, na sua qualidade de chefe de Estado (Chegada, despedida), interação com diversos setores da sociedade civil (no Teatro municipal), contato com realidades das pastorais sociais (Favela de Varginha, Inauguração do Hospital para recuperação de dependentes químicos), expressão de religiosidade popular (visita ao Santuário de Aparecida), encontro com a hierarquia e setores da Igreja (missa na catedral, mensagem aos membros do CELAM). Enfim, uma agenda paralela aos eventos da JMJ, com mensagens direcionadas a públicos diversos. No seu conjunto as mensagens abordaram temas centrais da realidade latinoamericana como: corrupção, injustiça, relações de mercado, exclusão social. Diante dos eminentes conflitos sociais, com causas histórico-estruturais, Francisco propõe: “diálogo, diálogo, diálogo”. Ao interior da Igreja, o Papa insiste na sua abordagem – que vem sendo reiterada nas suas intervenções no Vaticano – sobre a tônica que uma nova evangelização exige, isto

é: ir para as periferias existenciais, geográficas e econômicas, espirituais, ampliando assim a noção de pobreza e colocando no centro a carência do amor com todos seus desdobramentos.

A convergência de agendas, JMJ e do Papa, se dá nos momentos previstos como a abertura oficial da JMJ, Via Sacra, Vigília, Missa de envio, encontro com os voluntários e o inesperado contato com seus conterrâneos argentinos. Do lado do Papa observamos uma comunicação verbal que, a partir de seus pronunciamentos extremamente objetivos e diretos, deixa claras suas ideias e, ao mesmo tempo, as reforça com frases de impacto e gírias juvenis (cultura do encontro, da solidariedade, do descartável, globalização da indiferença; bota-fé, mais água no feijão). Nessa linguagem é transmitida a visão da Igreja sobre a cultura contemporânea e suas relações com a modernidade, retomando, de forma pastoral, os eixos doutrinários da agenda dos pontificados anteriores que incluíram o relativismo, a laicidade e a descrença como ameaças à doutrina cristã, portanto, a necessária defesa do papel agregador da família e da Igreja.

Houve, também, nessas mensagens, uma orientação religiosa que evoca a fé como bússola que dá sentido de vida (você está disposto a entrar na revolução da fé?) e, de forma pitoresca no encontro com os vo-

luntários, ilustra com a própria experiência vocacional as opções ético-morais que devem reger uma juventude cristã/católica. Diria que, mesmo não sabendo o impacto real na transformação do comportamento dos ouvintes, a linguagem discursiva encontra no seu correlato a linguagem gestual e performática, um Papa que possui certa empatia natural com as massas. Daí que o discurso que apela para a cultura do encontro se complementa nas atitudes pessoais do pontífice, demonstradas ao longo de sua exposição pública (proximidade, abertura de janelas, atenção às pessoas, quebra de protocolos, simplicidade etc). Em outras palavras, a narrativa de carinho se expressa com gestos de carinho, voz e atitude convergem coerentemente. Resultado? Magnetismo pelo convencimento.

IHU On-Line – Qual foi o papel da mídia enquanto produtora de sentido durante a JMJ e a visita do Papa ao Brasil?

Brenda Carranza – Se compreendermos como produção de sentido a capacidade que os mass media têm de recortar a realidade e de interpretá-la a partir de um determinado ponto de vista, diria que a mídia brasileira, concretamente a Rede Globo, com sua ampla teia de meios difusores, é decisiva para construir uma imagem

do Papa Francisco, como Papa Pop. Nos seis dias de cobertura total dos movimentos, gestos e palavras do Papa, a lente das câmaras, com seus artifícios de aproximação e/ou distanciamento, foram construindo com linguagem imagética um Papa próximo, meigo, emotivo, atento, simples, de fácil acesso, cativante. Atributos naturais, reais e verdadeiros, porém magnificados pela linguagem midiática. Isso na lógica da comunicação tem suas consequências, quer seja na forma como será direcionada a opinião pública quer como será recebida a pessoa, a personagem e sua mensagem. Portanto, será tecida a filigrana de um carisma midiático que, com o intervalo do pontificado de Bento XVI, estabelece um continuum entre Francisco e João Paulo II, esse último perfilado como o Papa das multidões, o Papa peregrino. No circuito da mídia, a reiteração de frases que começam afirmando: “todo mundo gosta de”, “não tem ninguém que”, “o Brasil inteiro sente que”, “toda a cidade parou quando”, fusionam a mídia e a multidão no crescendo da euforia, ambas se retroalimentam. Telinhas, telões, microfones, redes sociais ecoam a sensação de um sentimento comum que universaliza a empatia e fecha, subliminalmente, a possibilidade de discordância. Tudo isso, independe da vontade pessoal, pois responde a lógica da própria mídia.

IHU On-Line – Francisco, a exemplo de João Paulo II, é um papa midiático? Quais as vantagens e desvantagens desse comportamento?

Brenda Carranza – Acho que o processo da construção de um carisma midiático do Papa Francisco iniciou-se na sua primeira aparição pública, lá no 13 março de 2013, quando se dirigiu à multidão de forma espontânea (foram procurar-me no fim do mundo) e próxima (rezem por mim). De início as intervenções do pontífice mudaram de tom: da presença teológica, para o contato pastoral. A espiral midiática dará sequência, o bispo de Roma terá sua vida pessoal detalhada exaustivamente, o passado exposto e o presente alinhavado no formato de pequenos detalhes: olhares, gostos, sorrisos, opções e palavras devem fazer sentido para que encaixem na personagem que é construída. Por isso, o discurso que apela para a cultura do encontro se complementa nas atitudes pessoais do pontífice demonstradas ao longo da sua passagem pelas ruas (proximidade, abertura de janelas, atenção às pessoas, quebra de protocolos, simplicidade).

Não se trata aqui de juízo de valor, mas da percepção da lógica midiática que também produz e reproduz um carisma com códigos próprios. Nesse processo diria que, mesmo não sabendo o impacto real na transformação do comportamento dos ouvintes/receptores, a lin-

guagem discursiva do Papa corresponde uma linguagem gestual e performática, multiplicando a empatia que facilita a recepção de sua pessoa e mensagem, logicamente predispõe-se as massas para escuta. Isso não é pouco, daí que falamos em fenômeno midiático. Mais que desvantagens, neste momento, tendo a pensar em desafios. Um deles pode ser o fardo que toda construção midiática positiva traz, pois permite depositar num sujeito expectativas que vão além dos limites da capacidade pessoal e das condições históricas que permitem mudanças concretas. Ou seja, a passagem da utopia para a ação que o carisma propõe.

IHU On-Line – Qual é o recado do papa aos bispos brasileiros e latino-americanos, sacerdotes, religiosos?

Brenda Carranza – Parece-me que esse “recado” está na ordem das palavras, do exemplo e da sutil exortação. Expressões como: “Deixar a psicologia do principado” teve o testemunho de um carro simples de vidros abaxados e o chamado a abdicar de hábitos ostentosos; “Pensemos com decisão na pastoral desde a periferia”, completa-se com a visita a Manguinhos, clamando por sair da sacristia e colocar como epicentro o encontro entre pessoas; “Quem é o principal beneficiário da labor eclesial, a Igreja como organização ou o povo de Deus?”,

inclui a inauguração de um serviço no Hospital São Francisco e reclama para o descentramento da Igreja. Frases e imagens fortes que deslocam certa visão eclesiológica e comportamento clericalista, alicerçados no carreirismo como hábito e na burocracia como meio de ascensão e privilégio. Certamente, convertem-se em denúncia de uma estrutura que precisa ser renovada. Sem dúvida que, a mensagem tem um duplo registro.

O primeiro *ad intra eclessia*, pois alerta a parcela maior da igreja, a seu universo leigo, que os portadores do sagrado padecem de um mal que precisa ser “curado”. Reconhecimento que rompe simbolicamente com determinados modelos eclesiais que se tem imposto nas últimas décadas. No segundo, *ad extra eclessia* admite-se publicamente que há necessidade de transformação estrutural, a começar pela Curia romana. O que sinaliza para uma atitude aberta que permite abordar temas nevrálgicos entre outros: pedofilia, escândalos econômicos, falta de transparência, patriarcalismo, responsáveis por desencadear a deslegitimação da Igreja. Esse duplo registro alivia as tensões entre a Igreja e a sociedade, dá um respiro

ao interior do catolicismo e autoriza a imaginar seu re-vigoramento, pois coloca no âmago da sua mensagem religiosa a preocupação com as dores e as angústias dos homens e das mulheres contemporâneos.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Brenda Carranza – Embora cedo, parece-me que esta primeira viagem internacional do Papa é fundamental para compreender a dimensão das rupturas simbólicas que têm marcado o início de seu pontificado. Rupturas que, como já disse, articulam-se na solda que seus discursos, palavras e gestos mostram. A passagem de Francisco pelo Brasil sinaliza uma outra rota de um papado mais latino-americano do que europeu, mais colegiado do que hierárquico, mais pastoral do que magisterial, mais coração do que razão, mais Vaticano II do que disciplinar, mais social do que doutrinal, mais inspirador do que admoestador. Enfim, mais respiro. Estamos diante de novos rumos do catolicismo? O tempo confirmará. Por hoje, é uma esperança.

“Não podemos esquecer que o Papa Francisco é o mesmo cardeal Bergoglio de Buenos Aires”

Entrevista especial com Ivone Gebara

“Creio que há uma mudança que está se operando em parte do clero, do episcopado e de muitos fiéis, sobretudo mulheres na direção de uma nova ética sexual. O fermento está na massa. É preciso esperar que a leve lentamente”, diz a teóloga.

“O papa usou uma tática de não tocar de forma clara nos assuntos litigiosos na Igreja numa primeira visita. (...) Quis ser acolhido como Papa com um novo jeito de ser mais próximo e afetivo e sem as pompas que caracterizam a vida dos pontífices seus predecessores”, avalia Ivone Gebara em entrevista concedida à *IHU On-Line* por e-mail. Para ela, Francisco age como “se acreditasse que com ele uma nova era na Igreja Católica Romana pudesse ser inaugurada. Mas, não podemos esquecer que o Papa Francisco é o mesmo cardeal Bergoglio de Buenos Aires e suas posições contrárias ao casamento gay, ao aborto, aos anticoncepcionais são bem

conhecidas do povo argentino”. E dispara: “E mais, a teologia e a ética sexual oficial da Igreja Católica ainda se referem a um mundo pré-moderno onde os avanços da ciência não tivessem afetado a cultura e a moralidade das pessoas”.

Comprometida com a causa das mulheres, a teóloga afirma que a resposta do papa aos jornalistas referente à ordenação das mulheres a “surpreendeu”. “A surpresa não foi o ‘não’ em relação à ordenação, mas quando afirmou a necessidade de uma ‘teologia da mulher’ na Igreja”, menciona. E esclarece: “Com essa resposta evidenciou um desconhecimento da luta e da produção teológica das mulheres por muitas décadas. E isto é preocupante para um pontífice que está à frente de uma Igreja majoritariamente feminina. Não sei se o desconhecimento é real ou se corresponde a uma postura política em relação ao movimento de mulheres no

mundo e na Igreja. Nesse sentido avalio a visita como deixando a desejar, sobretudo que a maioria dos jovens presentes na Jornada Mundial da Juventude era de mulheres”.

Ivone Gebara é doutora em Filosofia, pela Universidade Católica de São Paulo, e em Ciências Religiosas, pela Université Catholique du Louvain, na Bélgica. Ela lecionou durante 17 anos no Instituto de Teologia do Recife – ITER, até sua dissolução, decretada pelo Vaticano, em 1989.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como avalia a visita do Papa ao Brasil?

Ivone Gebara – Quando fazemos uma avaliação de alguém, sobretudo, de um personagem público como o Papa Francisco, nos damos conta da parcialidade de nossas avaliações. Cada pessoa avalia a outra a partir de um ponto de vista ou de uma expectativa ou de uma frustração. No fundo nenhuma avaliação é completa, mesmo as que se pretendem ser avaliações gerais. Não fujo à regra. Repito como tantos outros analistas que a figura do Papa Francisco é muito simpática, sua proximidade das pessoas e seu esforço de usar uma linguagem mais simples e compreensível são dignos de nota. Além disso, tem tomado posições importantes em relação ao governo da Igreja

especialmente em resposta aos escândalos do Vaticano assim como posições significativas na linha da denúncia da injustiça social como quando esteve na Ilha de Lampedusa no sul da Itália. As posições de alguém são sempre interligadas às ações presentes e do passado.

Minha avaliação toca também o meu compromisso em relação à causa das mulheres que se expressa de diferentes formas e nos diferentes contextos. A resposta que deu aos jornalistas na volta à Itália quando perguntado sobre a ordenação das mulheres me surpreendeu. A surpresa não foi o “não” em relação à ordenação, mas quando afirmou a necessidade de uma ‘teologia da mulher’ na Igreja. Com essa resposta evidenciou um desconhecimento da luta e da produção teológica das mulheres por muitas décadas. E isto é preocupante para um pontífice que está à frente de uma Igreja majoritariamente feminina. Não sei se o desconhecimento é real ou se corresponde a uma postura política em relação ao movimento de mulheres no mundo e na Igreja. Nesse sentido avalio a visita como deixando a desejar, sobretudo que a maioria dos jovens presentes na Jornada Mundial da Juventude era de mulheres.

IHU On-Line – Diferente dos outros papas, Francisco não abordou em seus discursos questões de gênero e moral, por exemplo. O que o silêncio do papa sinaliza?

Ivone Gebara – Creio que o papa usou uma tática de não tocar de forma clara nos assuntos litigiosos na Igreja numa primeira visita. A meu ver, mas posso estar enganada, quis ser acolhido como Papa com um novo jeito de ser mais próximo e afetivo e sem as pompas que caracterizam a vida dos pontífices seus predecessores. É como se acreditasse que com ele uma nova era na Igreja Católica Romana pudesse ser inaugurada. Mas, não podemos esquecer que o Papa Francisco é o mesmo cardeal Bergoglio de Buenos Aires e suas posições contrárias ao casamento gay, ao aborto, aos anticoncepcionais são bem conhecidas do povo argentino. E mais, a teologia e a ética sexual oficial da Igreja Católica ainda se referem a um mundo pré-moderno onde os avanços da ciência não tivessem afetado a cultura e a moralidade das pessoas. Por exemplo, os insistentes conselhos da Igreja contra os preservativos e anti-concepcionais revelam o quanto esses conselhos são anacrônicos em relação ao mundo de hoje. E mais, como esse tipo de exigência provoca o surgimento de comportamentos duvidiosos em muitas pessoas no que se refere a moral sexual. Cada um age conforme suas necessidades e crenças e a Igreja institucional age a partir de princípios ignorando a vida real das pessoas.

IHU On-Line – Questionado sobre o fato de não ter mencionado esses assuntos em seus discursos, Francisco disse que os jovens já sabem qual é a posição da Igreja em relação a tais temas. Como a senhora vê essa resposta? Vislumbra alguma mudança na doutrina da Igreja ou na maneira de abordar esses temas?

Ivone Gebara – Creio que no calor do grande espetáculo das falas do papa e do ambiente de convivência dos jovens, esses assuntos capitais não foram tocados por Francisco e não houve igualmente insistência dos jovens para isso, ao menos publicamente. Penso que o papa não desconhece o fato de que os problemas acima enumerados são fundamentalmente problemas da juventude e não dos mais velhos. O mesmo se poderia dizer das drogas. Entretanto, se a resposta não foi dada diretamente pelo Papa, aliás, uma resposta que seria bastante conhecida, foi dada por alguns grupos de Igreja talvez até apoiados por autoridades episcopais. Em muitas sacolas entregues aos jovens havia um manual de moral sexual em diferentes línguas e, por incrível que pareça, um pequeno feto em forma de boneca assim como um pequeno terço em que cada conta representava um feto. Eu quase não acreditei. Precisei ver com meus próprios olhos para confirmar. Queriam instruir os

jovens contra o aborto dessa forma realista, violenta e desrespeitosa dos corpos e das dores humanas.

Sinto que precisamos crescer em humanidade, precisamos nos aproximar de forma desarmada das questões e dores alheias. Com o sistema legalista de pureza apresentado por muitos grupos e pessoas da Igreja corremos o risco de acirrar as diferentes formas de violência e a mentira nas relações humanas.

Apesar disso, creio que há uma mudança que está se operando em parte do clero, do episcopado e de muitos fiéis, sobretudo mulheres na direção de uma nova ética sexual. O fermento está na massa. É preciso esperar que a leve de lentamente.

IHU On-Line – Considerando os primeiros meses da atuação do Papa Francisco, o que é possível vislumbrar acerca de seu pontificado?

Ivone Gebara – Creio que ele começa com um ponto positivo. Há uma inegável aceitação de sua pessoa e uma esperança em relação a reformas na Igreja Católica. Mas sabemos bem que embora líderes sejam importantes às estruturas de poder e outras, mudam apenas com o empenho coletivo. Nesse sentido creio que os grupos católicos espalhados pelo mundo deveriam manifestar-

-se mais, fazer propostas e enfrentar a realidade plural da Igreja. Creio que essa realidade plural deveria ter direito de cidadania respeitada. É difícil dizer isso quando desenvolvemos ao longo de séculos a ideia da Igreja una, santa e apostólica. O convite ao respeito das diferenças, o convite à inclusão parecem ser apelos lançados em nosso século nas mais diferentes instituições. E as instituições religiosas não podem deixar de ouvi-los.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Ivone Gebara – Gostaria de reforçar a ideia de que a Igreja também somos nós. Isto significa sair de uma concepção clerical ou papal da Igreja. Em outros termos, a Igreja não são apenas os bispos e não é apenas o Papa. Não são eles que nos entregam a fé. Não são eles que nos dão Jesus Cristo. Não são eles que nos levam a aderir aos valores que sustentam a vida. Eles têm uma função, sem dúvida, mas a realidade da fé se inscreve em cada pessoa, depois se sustenta na comunidade de fiéis capazes de ser uns para os outros justiça, misericórdia, compaixão e ajuda mútua na manutenção da vida. Sair da valorização dos esquemas hierárquicos e buscar a responsabilidade coletiva nas pequenas e grandes ações é um real desafio para todas/os nós.

“Mudanças na Igreja não acontecem como num passe de mágica”

Entrevista especial com Manoel Godoy

“Será que os grandes eventos da Igreja continuarão a ser, no pontificado de Francisco, o momento forte de afirmação dos novos movimentos de corte fundamentalista e integralista?”, pergunta o diretor executivo do Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA, de Belo Horizonte.

“É interessante a observação que ouvi de quem esteve muito perto de todo o acontecimento da JMJ. Uma coisa é o discurso do Papa, outra a postura do clero presente: nada mudou. Os carreiristas continuaram buscando espaço de poder do mesmo jeito”, constata Manoel Godoy, padre, teólogo, em entrevista à *IHU On-Line*. Nas falas do papa, enfatiza, ainda não é possível “delinear as linhas mestras de seu pontificado”, mas “alguns acentos, que poderíamos traduzir mais ou menos assim: ‘trabalhem, não se deixem amedrontar, dialoguem muito, sejam simples e testemunhem Jesus Cristo e sua Boa Nova por todos os cantos’”. A postura de Francisco demonstra que ele “não tem tanto

preocupações com a ortodoxia, mas muito mais com a paralisia a que fomos submetidos”, avalia em entrevista concedida por e-mail.

Para Godoy, um dos pontos significativos que emerge dos discursos de Bergoglio é a “visão” que ele “tem da pessoa do bispo: homens simples, despojados, alegres, desapegados, na frente, no meio e atrás do povo (tudo ao mesmo tempo), não carreiristas, contentes com o lugar que ocupam, sem ficar aspirando outros lugares, que saibam guiar sem comandar, pastores e não mandatários”. Segundo ele, a cristologia de Francisco “está profundamente unida à eclesiologia, isto é, insistiu que a comunidade eclesial é o espaço concreto para a experiência cristã. Sua moral também tem perspectiva bastante personalista – centrada na pessoa – e não em abstrações. Podemos dizer que Francisco está muito mais próximo da perspectiva pastoral, mais preocupado com a ortopraxis do que com a ortodoxia”

Manoel Godoy é graduado em Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, mestre em Práxis Cristã pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, Belo Horizonte. Foi assessor da CNBB por dez anos e membro da Organização dos Seminários Latino-Americanos, do CELAM/Bogotá. Atualmente é diretor executivo do Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA, professor do Instituto de Teologia Pastoral – ITEPAL, e do Centro Loyola, em Belo Horizonte.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Que avaliação faz da visita do Papa? Já é possível vislumbrar as linhas mestres de seu pontificado?
Manoel Godoy – Cada pessoa tem o seu perfil e o Papa Francisco marcou muito essa viagem com seu estilo pessoal: simples, franco e direto. A primeira vista, parece que há uma continuidade com o jeito do Papa João Paulo II, mas, olhando mais a fundo, percebem-se logo diferenças profundas. Enquanto no Beato os gestos tinham mais aparências teatrais, mais fabricados, em Francisco tudo sai muito natural, com exceção daquela insistência em carregar sua própria bolsa de viagem. Por outro lado, Bento XVI, sua relação com o público, não deixava de transparecer seu enorme esforço por se mostrar simpático e agradável. Saindo deste aspecto mais externo, o conteúdo das mensagens deixadas por Francisco precisa

ser analisado com mais cuidado. São níveis diferentes, pois os destinatários variam enormemente: jovens, autoridades civis, hierarquia católica, jornalistas.

Não diria que é possível delinear as linhas mestras de seu pontificado, mas podemos ver alguns acentos, que poderíamos traduzir mais ou menos assim: “trabalhem, não se deixem amedrontar, dialoguem muito, sejam simples e testemunhem Jesus Cristo e sua Boa Nova por todos os cantos”. Já é significativo que ele incentive a todos a colocarem a mão na massa, sem medo. Há muito tempo estamos cercados por escrúpulos e medos, pois as ações na Igreja são sempre alvo de muita vigilância hierárquica. Parece que Francisco não tem tantas preocupações com a ortodoxia, mas muito mais com a paralisia a que fomos submetidos. Vamos ver até onde vai a liberdade de ação em seu pontificado, pois até agora estamos sendo desafiados a trabalhar sem medo. Esse clima de liberdade na Igreja é muito bom e poderá produzir frutos criativos em todos os segmentos eclesiais. Porém, os frutos desta visita ainda estão por vir. Mudanças na Igreja não acontecem como num passe de mágica. Há muitos filtros que se interpõem entre o que Francisco falou e a pastoral concreta na Igreja.

IHU On-Line – Quais foram os pontos mais relevantes do discurso do papa aos bispos da CNBB e do CELAM?

Manoel Godoy – Um dos pontos mais significativos que emerge destes discursos é a visão que Francisco tem da pessoa do bispo: homens simples, despojados, alegres, desapegados, na frente, no meio e atrás do povo (tudo ao mesmo tempo), não carreiristas, contentes com o lugar que ocupam, sem ficar aspirando outros lugares, que saibam guiar sem comandar, pastores e não mandatários. Pastores, próximos das pessoas, pais e irmãos, com grande mansidão: pacientes e misericordiosos. Homens que amem a pobreza, quer a pobreza interior como liberdade diante do Senhor, quer a pobreza exterior como simplicidade e austeridade de vida. Homens que não tenham “psicologia de príncipes”.

Outro ponto de destaque é sua visão de Igreja: capaz de derrubar as estruturas caducas, com um espírito mais pastoral que administrativo; com parâmetros baseados em novas culturas, não encarcerada numa mentalidade meramente rural; marcada pela ampla participação de todos os batizados, por meio de conselhos em todos os níveis; superando clericalismos de toda a ordem e funcionalismos; atenta as periferias existenciais e não centrada em si mesma. Uma Igreja com coragem de assumir o hoje que lhe cabe e não viver se refugiando no passado e nem no futuro. Francisco critica a postura de quem, perante os males da Igreja, busca solução ape-

nas na disciplina, na restauração de condutas e formas superadas.

Destaco ainda um terceiro ponto: o papel dos leigos. Francisco deixa claro que a Igreja não pode continuar infantilizando os leigos e que isso, às vezes, acontece com profunda convivência dos próprios leigos. Desafiou todos a desenvolverem alguns valores que revelam a mais profunda raiz cristã: espiritualidade, generosidade, solidariedade, perseverança, fraternidade, alegria. Insistiu nesta última, afirmando que o cristão não pode ser pessimista! Não pode ter uma cara de quem parece num constante estado de luto.

E o último ponto é sua visão sobre as ideologias, onde alertou para possíveis desvios, classificados como reducionismo socializante, ideologização psicológica, proposta gnóstica, proposta pelagiana. Alerta, porém, que não há uma hermenêutica asséptica. E sobre os desvios, é bastante incisivo quando fala sobre a desviação pelagiana. Afirma que ela aparece fundamentalmente sob a forma de restauracionismo. Na América Latina costuma verificar-se em pequenos grupos, em algumas novas Congregações Religiosas, em tendências para a “segurança” doutrinal ou disciplinar. Fundamentalmente é estática, embora possa prometer uma dinâmica para dentro: regride. Procura “recuperar” o passado perdido.

IHU On-Line – O que é possível entender por reforçar e reformar as estruturas da igreja, mencionado pelo papa em seus discursos?

Manoel Godoy – Quando Francisco fala especificamente de mudanças de estrutura não fica muito claro, aponta a missionariedade como instrumento para superação das estruturas caducas da Igreja, mas, pelos discursos, pode-se deduzir que Francisco pretenda uma Igreja mais simples, uma Igreja que vá ao encontro dos pobres e viva mais próxima deles; uma Igreja com um laicato mais atuante, menos passivo; uma Igreja que seja capaz de viver nas “periferias existenciais”, descentralizada. Nesse sentido, é grande a perspectiva sobre os resultados da Reforma da Cúria, comandada pelo grupo de oito cardeais nomeados pelo Papa para essa tarefa.

IHU On-Line – Considerando que Francisco participou da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, que postura a Igreja de Roma deve adotar em relação à Igreja do Brasil? Vislumbra uma proximidade ou um diálogo mais estreito com a Igreja latino-americana? E qual o significado dessa aproximação?

Manoel Godoy – Creio que haverá muito mais diálogo, mais entendimento, pois o Papa conhece a Igreja do Brasil e da América Latina. Os dois papas anteriores

tinham uma postura muito eurocentrista e quando se dirigiam à Igreja do nosso Continente falavam a partir de informações de alguns que eles elegiam como interlocutores privilegiados. Pelo que se viu na Jornada Mundial da Juventude – JMJ, nas falas do papa com o episcopado brasileiro e latino-americano, podemos esperar que seja muito frutuosa essa aproximação, pois ele fala diretamente e não manda recados por meio desse ou daquele. Francisco deixou claro que não precisará de fontes privilegiadas para se comunicar com nosso continente. Isso evitará o clima que vivemos nos dois últimos pontificados.

IHU On-Line – A partir dos discursos do Papa, como seu pontificado deve compreender as Comunidades Eclesiais de Base? Depois de alguns anos de recesso das CEBs, percebe a sinalização de uma retomada?

Manoel Godoy – Por conhecer a realidade das CEBs, ele próprio apresentou a proposta dos grupos bíblicos, das comunidades eclesiais de base e dos Conselhos pastorais como caminho de superação do clericalismo, rumo a um crescimento da responsabilidade laical. Quando imaginávamos que um papa falasse das CEBs e as recomendasse como meio válido de evangelização? É claro que os contextos são outros e que hoje as CEBs têm ca-

racterísticas bem diferentes das dos anos 1970 e 1980, mas é muito significativo que a proposta de sua retomada venha do próprio papa. Quem sabe ele mande uma palavra de estímulo para o próximo Intereclesial a ser realizado em Juazeiro, no Ceará. Devemos encaminhar esse pedido a ele.

IHU On-Line – Quais são os pontos principais da teologia de Francisco e como o senhor compara àqueles de Bento XVI e de João Paulo II?

Manoel Godoy – No campo teológico, valorizamos muito as áreas da dogmática, da sistemática, e quase nem aparece, como teologia propriamente dita, a dimensão da práxis cristã, da pastoral. Sua cristologia está profundamente unida à eclesiologia, isto é, insistiu que a comunidade eclesial é o espaço concreto para a experiência cristã. Sua moral também tem perspectiva bastante personalista – centrada na pessoa – e não em abstrações. Podemos dizer que Francisco está muito mais próximo da perspectiva pastoral, mais preocupado com a ortopráxis do que com a ortodoxia. Isso não quer dizer que a ortodoxia não lhe interesse, mas está muito mais interessado na ortopráxis, se diferenciando dos dois papas anteriores, onde a preocupação com a ortodoxia criou um clima muito ruim para o desenvolvimento da teolo-

gia. Acredito que o período de perseguição aos teólogos tenha terminado. Com Francisco vai prevalecer muito mais o diálogo.

IHU On-Line – Como avalia a primeira Encíclica de Francisco, a Lumen Fidei?

Manoel Godoy – Como o próprio papa afirmou, essa encíclica foi escrita a quatro mãos. Pelo que li, penso que podemos afirmar que foi escrita pelo papa emérito e que Francisco emprestou sua assinatura somente. É um texto clássico, que privilegia como seu interlocutor básico o homem moderno europeu. Acontece que esse discurso não convence a este interlocutor e não faz arder o coração do povo crente de nossas comunidades. As expressões concretas de fé vivida pelo povo não aparecem. Não dá para identificar Francisco em nenhum parágrafo da Lumen Fidei. O interlocutor do papa emérito é o homem europeu; creio que Francisco destacaria as formas concretas de testemunho de fé presente na vida do povo, sobretudo dos pobres. Ademais, seria muito pertinente ligar a reflexão sobre a Fé com as encíclicas anteriores – sobre a caridade e a esperança. A Fé, tratada em conjunto com as outras virtudes teológicas, destacaria que o mais importante é o amor, a caridade (1Cor. 13,13). Não acredito na força evangelizadora desse tipo de discurso.

Como o papa Francisco alertou ao clero que não deve ficar preso em seus escritórios produzindo documentos abstratos, esperemos a originalidade de sua, verdadeiramente sua, encíclica sobre a Igreja dos Pobres.

IHU On-Line – O papa tem organizado várias comissões para reformar a Cúria Romana. Que tipo de reforma vislumbra?

Manoel Godoy – A comissão composta pelos oito cardeais para implementar a reforma da Cúria tem nas suas fileiras o arcebispo de Boston, Sean Patrick O'Malley, um dos cardeais mais comprometidos na luta contra os padres pedófilos. Seguramente, se destacará como uma das vozes mais claras contra o estado de coisas a que chegou a Cúria romana. Dentre as medidas para sanar tal estrutura eclesiástica se espera, no mínimo, que se acabe com essa prática de eclesiásticos aposentados permanecerem vivendo por lá. No momento, vários elementos que compuseram a equipe de trabalho do Papa João Paulo seguem na Cúria. Torna-se muito difícil implementar mudanças mais radicais com esse pessoal por perto. Também, pode-se imaginar que o Papa Francisco dará mais reforço às representações continentais e não ficará tão preso a um só continente, o europeu, como fizeram seus predecessores. Era tal essa mentalidade que mesmo os de outros continentes que eram convocados

para o trabalho da Cúria tinham forte mentalidade europeia. Quem sabe também consiga implementar verdadeiras reformas na condução das finanças do Vaticano, tornando esse tema bem transparente, evitando escândalos. Outro ponto crucial da reforma são as nunciaturas. Por exemplo, de que adianta o Papa Francisco falar de bispos pastores se as nunciaturas seguirem escolhendo administradores, canonistas? Não é possível enxugar a sala sem fechar a torneira.

IHU On-Line – Entre as declarações do Papa, está a afirmação de que “se uma pessoa é gay, procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?” O que essa declaração significa do ponto de vista da doutrina da Igreja e de sua postura em relação aos homossexuais?

Manoel Godoy – A maneira como Francisco reagiu à pergunta do jornalista sobre os gays faz parte de sua maneira direta e simples de enfrentar temas mais complexos, porém não apontou para mudanças doutrinárias. Dá para deduzir que continua vigente o axioma de sempre: a Igreja condena o pecado e não o pecador. Continuará a Igreja afirmando que a homossexualidade é um mal intrínseco? Aqui está o nó górdio da questão. Por outro lado, um discurso mais ameno sem mudanças práticas, pode ir levando as palavras para um enorme descrédito.

IHU On-Line – O senhor tem informações de bastidores sobre a visita do Papa ao Brasil?

Manoel Godoy – Não chega a ser informações de bastidores, porém é interessante a observação que ouvi de quem esteve muito perto de todo o acontecimento da JMJ. Uma coisa é o discurso do Papa, outra a postura do clero presente: nada mudou. Os carreiristas continuaram buscando espaço de poder do mesmo jeito. Muita gente terá que adaptar-se em alguns aspectos, frente à nova agenda trazida pelo papa Francisco à Igreja, mas a mentalidade nociva de busca de poder, pelo que se viu durante a JMJ, continua sem grandes alterações. Também a performance dos novos movimentos continuou, como nas JMJ anteriores, a mesma. Será que os grandes eventos da Igreja continuarão a ser o momento forte de

afirmação dos novos movimentos de corte fundamentalista e integralista?

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Manoel Godoy – Achei significativo o fato de o Papa Francisco ter descartado fazer de sua visita algo como de Chefe de Estado. Não começar por Brasília já é algo muito bom. Apesar de não termos ainda nada claro do que será a caminhada da Igreja no pontificado de Francisco, podemos afirmar que há um clima diferente, um clima bom. O ambiente de boataria que sufocou, sobretudo, os últimos anos do pontificado de Bento XVI parece ter dado uma trégua. O diálogo será sempre a maneira mais cristã de viver entre irmãos. E isso parece ser o que Francisco mais deseja!

“A viagem do Papa Francisco ao Brasil representou sua recepção pela Igreja da América Latina e Caribe”

Entrevista especial com Pedro Ribeiro de Oliveira

“Francisco pede a seus irmãos bispos que o ajudem a ser o bispo primaz de um colégio de pastores, e não um super-bispo romano com bispos auxiliares em cada diocese do mundo”, assinala o sociólogo.

“A viagem do Papa Francisco ao Brasil representou sua recepção pela Igreja da América Latina e Caribe. Falo de recepção não só como acolhida, mas no sentido forte de uma Igreja continental que diz ‘sim’ ao Papa e se coloca a seu lado para o projeto de reformas que lhe foi pedido pelo conclave antes de sua eleição”, diz Pedro Ribeiro de Oliveira à *IHU On-Line*. Na avaliação dele, os gestos de Francisco em sua visita ao Brasil demonstram que ele separa “sua pessoa do exercício de suas funções como Papa”, e insiste “que o lugar dos cristãos – clérigos, religiosas, leigos e leigas – é no espaço público, e não dentro dos templos e sacristias”. Entretanto, ressalta, “sinto falta de uma fala mais clara sobre o que deve a

Igreja fazer no mundo, mas sabemos todos o que Concílio Ecumênico de 1962-65 diz: trata-se de anunciar e construir o Reino de Deus na história humana”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail, Oliveira assinala que a preocupação do Papa com a valorização dos leigos na Igreja representa um “giro de 180 graus na pastoral”. E explica: “João Paulo II também procurou abrir portas, mas era para fazer o povo entrar na Igreja e colocar-se sob o cuidado de pastores... Francisco prefere uma Igreja machucada por andar na rua, do que incólume no interior do templo. Retomou, com muita ênfase, a expressão de Bento XVI inserida no Documento de Aparecida, que fala da Igreja como ‘advogada da Justiça e defensora dos pobres’. O importante é que o Papa não atribui essa missão aos leigos e leigas, mas a todo o Povo de Deus”. Para ele, “a partir desse ‘puxão de orelhas’, as Pastorais Sociais que atuam no espinhoso

terreno social, político e econômico voltarão a receber tanto apoio dos bispos quanto receberam entre 1970 e o final dos anos 1990”. O sociólogo também comenta a posição do Papa em relação às Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, que se mantêm presente na América Latina e no Brasil. “O Papa Francisco parece ter escasso conhecimento dessa nova forma de ser Igreja, porque se referiu a elas como ‘espaços leigos’, desconhecendo que elas são espaços ‘eclesiais’ onde cabe todo o Povo de Deus, e não apenas leigos e leigas”.

Pedro Ribeiro de Oliveira é doutor em Sociologia pela Université Catholique de Louvain, na Bélgica. Atualmente é professor do PPG em Ciências da Religião da PUC-Minas. Dentre suas obras, destacamos *Fé e Política: fundamentos* (Aparecida: Ideias & Letras, 2004), *Reforçando a rede de uma Igreja missionária* (São Paulo: Paulinas, 1997) e *Religião e dominação de classe* (Petrópolis: Vozes, 1985).

Confira a entrevista.

IHU OnLine – Que avaliação faz da primeira grande viagem do Papa fora da Europa, e quais os pontos altos da visita do Papa ao Brasil?

Pedro Ribeiro de Oliveira – A viagem do Papa Francisco ao Brasil representou sua recepção pela Igreja da América

Latina e Caribe. Falo de recepção não só como acolhida, mas no sentido forte de uma Igreja continental que diz “sim” ao Papa e se coloca a seu lado para o projeto de reformas que lhe foi pedido pelo conclave antes de sua eleição. Francisco sabe melhor do que nós que esse projeto encontrará muitos obstáculos e não será possível realizá-lo sem um amplo arco de apoios fora de Roma. Penso que o Papa ampliou bastante esse arco em seus contatos no Rio. Digo isso porque a emoção de D. Orani Tempesta, arcebispo do Rio de Janeiro, ao falar da importância do Papa durante esses dias indica algo mais do que sua participação na Jornada Mundial da Juventude – JMJ.

IHU On-Line – Quais foram os gestos mais significativos do Papa durante a Jornada Mundial da Juventude e o que eles apontam sobre o seu pontificado?

Pedro Ribeiro de Oliveira – Muitos gestos poderiam ser mencionados, mas destaco dois. O primeiro, que vem marcando a presença de Francisco como bispo de Roma é o fato de ele separar sua pessoa do exercício de suas funções como Papa. Até março deste ano a pessoa investida naquele ministério tornava-se uma espécie de ser extra-terreno, revestido de um enorme poder sagrado. A partir de Francisco, reza-se pelo Papa não porque esta é uma prescrição da liturgia, mas porque ele, humildemente, sempre pede nossa oração.

O segundo ponto, que também já se podia perceber desde o início de seu ministério em Roma, é a insistência de que o lugar dos cristãos – clérigos, religiosas, leigos e leigas – é no espaço público, e não dentro dos templos e sacristias. Sinto falta de uma fala mais clara sobre o que a deve a Igreja fazer no mundo, mas sabemos todos o que Concílio Ecumênico de 1962-65 diz: trata-se de anunciar e construir o Reino de Deus na história humana.

IHU On-Line – A partir dos discursos do Papa, como seu pontificado deve compreender as Comunidades Eclesiais de Base? Depois de alguns anos de recesso das CEBs, percebe a sinalização de uma retomada?

Pedro Ribeiro de Oliveira – E foram muitos os anos de “recesso” das CEBs nos espaços da cúria romana! Embora elas continuem vivas e atuantes no Brasil e na América Latina e Caribe – vem aí o 13º Encontro Intereclesial, no Ceará – não são poucas as autoridades eclesiais que prefeririam não precisar lidar com elas. O Papa Francisco parece ter escasso conhecimento dessa nova forma de ser Igreja, porque se referiu a elas como “espaços leigos”, desconhecendo que elas são espaços “eclesiais” onde cabe todo o Povo de Deus, e não apenas leigos e leigas. Apesar disso, revelou sua simpatia por elas ao

abençoar, na comunidade popular de Varginha, uma capela típica de CEB.

IHU On-Line – Como relaciona o discurso de que não basta abrir as portas, mas se deve sair das portas da igreja, com a valorização dos leigos?

Pedro Ribeiro de Oliveira – Este é um giro de 180 graus na pastoral! João Paulo II também procurou abrir portas, mas era para fazer o povo entrar na Igreja e colocar-se sob o cuidado de pastores... Francisco prefere uma Igreja machucada por andar na rua, do que incólume no interior do templo. Retomou, com muita ênfase, a expressão de Bento XVI inserida no Documento de Aparecida, que fala da Igreja como “advogada da Justiça e defensora dos pobres”. O importante é que o Papa não atribui essa missão aos leigos e leigas, mas a todo o Povo de Deus. Acredito que a partir desse “puxão de orelhas” (pois o Papa pediu desculpas por falar tão abertamente com os bispos), as Pastorais Sociais que atuam no espinhoso terreno social, político e econômico voltarão a receber tanto apoio dos bispos quanto receberam entre 1970 e o final dos anos 1990.

IHU On-Line – Que avaliação faz do discurso que o papa fez para os Bispos do Brasil, no sábado e, posteriormen-

te, para os Bispos do Celam? O que é possível entender por reforçar e reformar as estruturas da igreja?

Pedro Ribeiro de Oliveira – No momento não tenho condições de fazer a análise que esses discursos merecem, mas uma coisa é certa: Francisco pede a seus irmãos bispos que o ajudem a ser o bispo primaz de um colégio de pastores, e não um super-bispo romano com bispos auxiliares em cada diocese do mundo.

IHU On-Line – *Qual é o significado do discurso do Papa no Teatro Municipal, no qual propõe recuperar a política como caridade?*

Pedro Ribeiro de Oliveira – Também aqui falta-me uma análise melhor, mas com certeza esta é uma grande contribuição a todos os que, como diz Frei Betto, temos na Política “o campo preferencial para a vivência da Fé” e na Fé “o horizonte último do projeto político”.

IHU On-Line – *Quais são e o que significam os silêncios do Papa, ou seja, os temas não abordados?*

Pedro Ribeiro de Oliveira – Interpreto como estratégia para ampliar seu arco de alianças e não alvoroçar os adversários de seu projeto de reformas estruturais na cúria romana. É, como eu escrevi há pouco, a mesma estratégia de time de futebol que joga a primeira partida no

campo do adversário: preocupado com o risco de tomar gols, prefere ceder o empate e deixar a decisão do campeonato para quando jogar em casa.

IHU On-Line – *Francisco sinalizou que irá beatificar Dom Romero, assassinado em 1981. Qual é o significado dessa beatificação?*

Pedro Ribeiro de Oliveira – Beatificação é processo burocrático que corre na cúria romana. Não sei se para a Igreja da América Latina e Caribe é importante essa canonização, pois São Romero da América, como o chama Pedro Casaldáliga, não precisa de reconhecimento canônico. Devo dizer, contudo, que senti falta de uma menção a ele durante a visita à comunidade popular de Varginha. Havia ali um grande painel com a figura do bispo-mártir e uma frase do Papa saudando-o – de improviso, ao estilo João Paulo II – ficaria para sempre gravada em nossa memória.

IHU On-Line – *Por que e quais aspectos da entrevista que o Papa concedeu na viagem de volta a Roma foi significativa para o senhor?*

Pedro Ribeiro de Oliveira – Nela fica evidente que a reforma da cúria visa suas estruturas, no sentido de descentralizar o poder romano e assim aumentar a colegia-

lidade episcopal e o caráter sinodal da Igreja católica. Para minha agradável surpresa, Francisco referiu-se até mesmo à possibilidade de transformar o IOR, para que não seja mais um banco e sim um fundo. É muito bom

que o Papa tenha como prioridade a reforma da cúria romana, porque isso só ele pode fazer (com o apoio dos bispos, é claro). Da missão da Igreja no mundo, nós mesmos, podemos cuidar desde as bases.

A Jornada que eu vi e vivi

Artigo de Moisés Sbardelotto

Muito se tem falado da “visita do Papa Francisco ao Brasil”, da qual foram inúmeros os protagonistas e os ambientes de interação. Mas poucas têm sido as análises mais específicas da própria 28ª Jornada Mundial da Juventude. O que pretendo fazer aqui é uma reflexão pessoal sobre aquilo que eu vi e vivi no Rio de Janeiro durante os dias em que lá estive. Pretendo fazê-lo a partir de três protagonistas da Jornada: a cidade do Rio, os jovens participantes e o Papa Francisco.

A análise é de Moisés Sbardelotto, jornalista, doutorando do PPG em Comunicação – Unisinos, autor do livro *E o Verbo se fez bit: A comunicação e a experiência religiosas na internet* (Ed. Santuário, 2012).

Eis o texto.

Muito se tem falado da “visita do Papa Francisco ao Brasil”, da qual foram inúmeros os protagonistas e os ambientes de interação: a multidão e o “carro simples” com a janela aberta e as ruas do Rio; os romeiros de “fé

simples” e o Santuário de Aparecida; os doentes e dependentes químicos e o Hospital São Francisco de Assis; os pobres e as favelas; as autoridades públicas, os índios e os afro-brasileiros e o Theatro Municipal; os jovens argentinos e a Catedral; os voluntários e o Rio centro; os bispos latino-americanos e caribenhos e a Residência Sumaré; os jornalistas e o avião. Também muito se falou da desorganização das entidades públicas federais, estaduais e municipais. Mas poucas têm sido as análises mais específicas da própria 28ª Jornada Mundial da Juventude.

O que pretendo fazer aqui é uma reflexão pessoal sobre aquilo que eu vi e vivi no Rio de Janeiro durante os dias em que lá estive. Pretendo fazê-lo a partir de três protagonistas da Jornada: a cidade do Rio, os jovens participantes e o Papa Francisco. Em cada um deles, quero me deter sobre três pontos específicos. Obviamente, essas tríades não são casuais: fazem parte da própria fluidez de reflexão do Papa Francisco, que, tanto na Vigília do sába-

do, quanto na Missa de Envio do domingo, enumerou, não por acaso, três pistas-chave de aprofundamento.

1 A cidade do Rio

A Jornada no Rio reuniu a maior concentração de turistas em uma única cidade brasileira em toda a história do Brasil. Alguns números talvez ajudem a entender um pouco o que isso significa: 3,7 milhões de pessoas reunidas na orla de Copacabana; 60 mil voluntários; 8,7 mil ônibus urbanos em atividade nos principais dias do evento (ou seja, 100% da frota municipal); transporte público em funcionamento durante as 24 horas do dia; 600 horários extras de ônibus na rodoviária carioca e 230 voos extras no Rio e em São Paulo.

Como disse o Papa Francisco em sua saudação inicial, na quinta-feira, “esta semana, o Rio se converte no centro da Igreja, em seu coração vivo e jovem, porque vocês responderam com generosidade e entusiasmo ao convite que Jesus lhes fez para estar com ele, para ser seus amigos”.

Naturalmente, um evento do porte de uma Jornada Mundial da Juventude deve envolver uma grande sinergia de esforços, tanto públicos, quanto eclesiais. A princípio, o evento revelou uma grande desorganização

e burocracia dos seus responsáveis, mas a cidade do Rio de Janeiro acabou sendo o palco da manifestação de uma multidão auto-organizada, e o comitê organizador da Jornada foi salvo de seus erros pela força simbólica e gratuita do dom da Criação.

1.1 Desorganização

O primeiro “compromisso” dos jovens ao chegar ao Rio era a retirada do “kit do peregrino”, no Sambódromo. A centralização desse primeiro contato com a Jornada em um único local fez com que os responsáveis pelos grupos de peregrinos tivessem que passar, em muitos casos, mais de oito horas em filas intermináveis, abaixo de chuva, sem acesso a comida e banheiro (sob o risco de perder o lugar – ou de “se perder” no lugar).

Ao finalmente serem atendidos, se deparavam com uma sucessão de guichês, primeira demonstração de burocracia. No primeiro, conferiam-se os documentos e a inscrição do grupo. No segundo, retiravam-se os tickets de alimentação e de transporte. No terceiro, recebia-se a mochila com uma camiseta e uma cruz de pescoço. No quarto, retirava-se o material gráfico da Jornada (guia do peregrino e livros litúrgicos e catequéticos). No quinto e último guichê, o voluntário-

atendente verificava se tudo havia sido entregue apropriadamente. Para os grupos maiores, essa conferência podia durar horas.

O imaginário da Cidade Maravilhosa, do sol e do calor cariocas levaram os organizadores a esquecer a Irmã Chuva e o Irmão Frio. Com o cancelamento da peregrinação até o Campus Fidei, em Guaratiba, devido ao mau tempo, todos os eventos centrais aconteceram na praia de Copacabana, que, definitivamente, não ofereceu uma estrutura mínima de bem-estar aos peregrinos. Falou-se em “imprevistos”. Contudo, o que se espera de uma organização é justamente que os leve em conta, pois senão não seria necessária tal organização.

Copacabana, então, tornou-se o grande palco da Jornada. A orla estava dividida pela pista por onde o papa se deslocaria, formada por uma das faixas da Avenida Atlântica. Algumas horas antes da chegada do pontífice, essa pista era evacuada, e o acesso das pessoas à praia era proibido. Quem estava à beira-mar não podia mais sair; e quem estava do lado dos edifícios não podia mais entrar. A circulação só voltava ao normal depois da passagem do papamóvel.

Um dos transtornos dessa logística, por exemplo, foi o acesso aos banheiros. Para os que estavam à beira da praia, as únicas opções de toaletes eram os poucos e tradicionais “postos” de Copacabana, localizados ao lon-

go da orla (só havia banheiros químicos do outro lado da “pista do papa”, fora da praia), que não estão preparados para uma quantidade tão grande de visitantes, contando com apenas um banheiro masculino e um feminino, com capacidade máxima de cinco pessoas cada.

Embora sendo tradicionalmente pagos (R\$ 1,70 por acesso), os banheiros dos postos tinham acesso grátis aos peregrinos, a partir de um acordo com a prefeitura. Porém, em uma segunda demonstração de burocracia totalmente desnecessária, para fazer uso desses banheiros, cada “necessitado” precisava preencher, na porta do banheiro, uma ficha com seu nome, número de identificação e assinatura. Os estrangeiros eram obrigados a informar o número do passaporte. Com esse controle, os organizadores da Jornada poderiam ressarcir a administração municipal.

Já na Vigília do sábado, para quem preferiu pernoitar na praia, as opções eram enfrentar as infundáveis filas dos banheiros dos postos na praia ou dos banheiros químicos na avenida (que, por serem poucos para a enorme multidão, ultrapassavam sua capacidade de limpeza e de armazenamento), ou improvisar, como fez um grupo de canadenses: dentro de uma barraca montada na praia, eles utilizavam galões de água vazios para fazer suas necessidades, que depois ficavam à espera do seu destino no mar ou no lixo.

Na peregrinação a pé para a Vigília, em Copacabana, a desorganização e a burocracia novamente deram as caras: a distribuição dos kits de comida foi centralizada no Museu de Arte Contemporânea. Mais de três milhões de peregrinos, e apenas um único ponto de distribuição, sem qualquer tipo de organização das filas nos arredores. Assim, a região do museu tornou-se o caos total. Alguns voluntários tentavam organizar os peregrinos, mas era impossível saber, no meio da imensa multidão, se as filas estavam se aproximando ou se afastando do museu – ou mesmo se o longínquo início da fila levaria realmente a algum lugar... E tudo ao embalo da chuva, que ia e vinha ao longo da manhã de sábado. Assim, foram inúmeros os peregrinos que simplesmente mudaram de ideia e não retiraram os seus kits.

1.2 Multidão auto-organizada

Apesar de todos os transtornos, o espírito coletivo foi mais forte e permitiu uma reunião gigantesca de pessoas sem nenhuma tragédia ou violência. Um interessante estudo de caso para os adeptos à auto-organização.

O Rio de Janeiro estava acostumado a ver recentemente grandes conglomerados de pessoas reunidas pacificamente para manifestar contra as injustiças sociais, porém o saldo final acabava sendo negativo depois que

alguns criminosos devastavam e saqueavam a cidade. Na Jornada, diante da desorganização dos responsáveis, a multidão auto-organizada, sob a atração pacífica de Francisco, foi um ponto de destaque.

Seja na recepção ao papa, aglomerando-se ao redor do carro do pontífice, seja na praia de Copacabana, a multidão mostrou a sua força de manifestação e de organização, atraída e congregada por um objetivo comum.

1.3 Força simbólica da Criação

Além disso, o que faltou da parte humana responsável pelo evento, a parte natural da cidade retribuiu ao cêntuplo. O comentário maldoso até dizia que, neste ano, a participação dos jovens nas “catequese” com os bispos foi maior justamente por causa das chuvas. Se os dias estivessem ensolarados, a “catequese” do Irmão Sol e da Irmã Praia certamente seria a mais concorrida...

Com a mudança da peregrinação de 13 quilômetros até o Campus Fidei, em Guaratiba, para Copacabana, o trajeto foi reduzido para nove quilômetros, partindo da Estação Central do Brasil. Assim, ao longo do caminho, os peregrinos eram retribuídos com uma tarde de sábado finalmente ensolarada, com as belíssimas vistas do Corcovado, à direita, e do Pão de Açúcar, à esquerda.

E o próprio papa assumiu em seu discurso na vigília do sábado, que, “por causa do mau tempo, tivemos de suspender a realização desta Vigília no ‘Campus Fidei’, em Guaratiba. Não quererá, por ventura, o Senhor dizer-nos que o verdadeiro ‘Campus Fidei’, o verdadeiro Campo da Fé, não é um lugar geográfico, mas somos nós mesmos? Sim, é verdade! Cada um de nós, cada um de vocês, eu, todos. E ser discípulo missionário significa saber que somos o Campo da Fé de Deus”.

Diferentemente de um aeroporto abandonado (como ocorreu em outras Jornadas) ou de um grande descampado (como seria em Guaratiba), a praia de Copacabana foi o sinal máximo de que o verdadeiro campo de missão envolve também a cidade, as ruas, a multidão, a Criação, cada um e cada uma. Cada um desses elementos diz e narra a fé e Deus a nós. E, por outro lado, cada um e cada uma de nós é convidado a reconhecer a presença de Deus em cada um desses elementos.

2 Os jovens

Apesar de todos os percalços da organização, os jovens mostraram, como disse o Papa Francisco em sua saudação em Copacabana na quinta-feira, “que a fé de vocês é mais forte do que o frio e a chuva”.

E isso era visível em toda a cidade do Rio. O protagonismo dos jovens na Jornada ficou evidente em três pontos principais: o encontro, o compromisso e a mudança.

2.1 O encontro

A Jornada foi celebrada em diversos níveis de encontro: dos jovens entre si, dos jovens com o papa e a Igreja, e dos jovens com o mundo.

Foi o encontro dos jovens peregrinos com a realidade da cidade, da pobreza, da injustiça e do desperdício espalhados pelas ruas pelas quais caminhavam. A “cultura do encontro”, defendida por Francisco em outros momentos de sua viagem, tornou-se não apenas discurso, mas também desafio e possibilidade em cada um dos dias dos peregrinos e do próprio papa, em que cada discurso se encarnava em gestos tanto com a multidão, quanto com as pessoas encontradas individualmente.

A Jornada também foi um encontro com aqueles que não puderam estar presentes. Primeiramente, com Bento XVI, que convocou essa Jornada e a quem o seu sucessor pediu que se enviasse “uma saudação e um forte aplauso”. Depois, um encontro com “todos os jovens do mundo, em particular aqueles que queriam vir ao Rio

de Janeiro e não puderam”. Esse encontro foi marcado pelo reconhecimento, por parte da Igreja, dos novos processos sociais, como a mediação. O encontro com Bento XVI, por exemplo, se deu, para além da oração, por meio da televisão. Francisco contou que Bento XVI lhe dissera que estaria junto da televisão durante todo o evento. “Ele está nos vendo agora”, disse o pontífice aos jovens. Continuando, o papa disse: “A todos os que nos seguem por meio do rádio, da televisão e da internet, a todos lhes digo: bem-vindos a esta festa da fé! (...) Porque o mais importante hoje é essa reunião de vocês e a reunião de todos os jovens que estão nos acompanhando através dos meios”.

Na Vigília, contudo, o encontro tornou-se desafio. Na organização inicial, pensada para o Campus Fidei, os peregrinos ficariam divididos em diversos lotes, distribuídos por todo o espaço. Com a transferência para Copacabana, a praia se tornou uma “terra sem leis”, em que os “latifundiários da areia” (geralmente os grupos mais numerosos e que haviam chegado à praia ainda no sábado pela manhã, reservando seus territórios) se adonavam de grandes extensões de praia com fios improvisados, fitas de demarcação ou com “muralhas” de areia, impedindo o acesso dos demais peregrinos nas “suas” terras. Para se deslocar, as pessoas se amontoavam em

estreitos corredores entre os lotes improvisados. A disputa por um “pedaço de areia” não era exatamente a demonstração da cultura da solidariedade e do encontro proposta por Francisco, embora fosse possível ver alguns jovens solidários e abertos aos “sem praia”.

2.2 O compromisso

A partir do encontro, a Jornada também foi um momento de compromisso prático e concreto dos jovens com a realidade eclesial e mundial. Do encontro, nascem as relações de amizade entre os jovens, mas também o compromisso com a Igreja e com o mundo.

Isso se deu especialmente na Via Sacra, na sexta-feira, celebrada de forma muito tocante e concreta, a partir de exemplos de realidades contemporâneas, ao longo da orla de Copacabana. O Papa Francisco, em seu discurso, relembrou que cada jovem, ao longo dos dois anos de peregrinação da Cruz da Jornada pelo Brasil, deixou algo na Cruz, desejos e necessidades. Por outro lado, a Cruz também deixou algo na vida de cada um e de cada uma. E, por fim, a Cruz ensinou algo a cada um e de cada uma em sua vida.

Francisco convidou a um compromisso que nasce a partir da Cruz: “Olhar sempre para o outro com mi-

sericórdia e amor, sobretudo a quem sofre, a quem tem necessidade de ajuda, a quem espera uma palavra, um gesto. A Cruz nos convida a sair de nós mesmos para ir ao encontro deles e estender-lhes as mãos”.

Para Francisco, “com a Cruz, Jesus se une ao silêncio das vítimas da violência, que já não podem gritar, sobretudo os inocentes e os indefesos”, sejam as famílias que perdem seus filhos, como os 240 jovens mortos em Santa Maria, lembrados especialmente pelo papa, sejam as pessoas que passam fome diante do desperdício de alimentos, sejam as mães e os pais que veem seus filhos vítimas da droga, sejam os perseguidos pela religião, pelas suas ideias ou pela cor da pele, sejam os jovens que perderam a confiança nas instituições políticas ou na Igreja, devido ao egoísmo, à corrupção e à incoerência.

Outro momento de compromisso foi a Vigília do sábado, em que os já celebres “testemunhos” são momentos para mostrar, a cada Jornada, o papel protagônico dos jovens na Igreja em todo o mundo. Neste ano, contudo – justamente no ano cujo tema é “fazer discípulos entre todas as nações” –, eles ficaram centrados apenas em jovens brasileiros (três cariocas e um paranaense), em grande parte centrados também em relatos sobre experiências individuais de renovação e conversão – com pouco compromisso com o outro.

O jovem paranaense, por exemplo, depois de relatar um assalto sofrido e que lhe deixou paraplégico, centrou sua fala na sua opção de se “guardar” no seu namoro até o casamento e na convivência com a sua comunidade de fé particular. Em certo ponto, pediu que os jovens se ajoelhassem na praia e adorassem a cruz peitoral do kit do peregrino, invocando uma espécie de juramento, desviando-se do testemunho e passando para a pregação. Ao Papa Francisco, pediu ainda que entronizasse a “era do Espírito Santo”, avistada misticamente pela fundadora de sua comunidade. No fim, para o desespero da produção do evento, vendo que sua fala tomava um grande tempo da celebração, foi perceptível que ele precisou ser avisado pelo ponto eletrônico para encerrar o seu discurso.

Depois de ouvir esse e outros testemunhos, o Papa Francisco, em contraste, falou sobre os diversos campos em que a semente cai, como no relato evangélico. E foi muito claro sobre o tipo de compromisso necessário: “Eu sei que vocês querem ser uma boa terra, cristãos a sério, não cristãos de meio tempo, não cristãos ‘engomados’, com o nariz assim [empinado], que parecem cristãos e, no fundo, não fazem nada. Não cristãos de fachada. Esses cristãos que são pura aparência. Mas sim cristãos autênticos”.

Parecia uma resposta direta do pontífice ao que acabara de ouvir.

2.3 A mudança

A Jornada como um todo foi uma grande perspectiva de mudança: mudança pessoal, pela experiência vivida por cada peregrino; mudança social, no embalo das manifestações brasileiras; mas principalmente mudança eclesial, pelas palavras e pelos gestos de Francisco, ecoados no entusiasmo e na alegria da multidão de jovens peregrinos.

Como disse o papa na sua saudação na quinta-feira, “eu também vim [à Jornada] para ser confirmado pelos entusiasmo da fé de vocês. Vocês sabem que na vida de um bispo há tantos problemas que pedem para ser solucionados. E com esses problemas e dificuldades, a fé do bispo pode se entristecer. Que feio é um bispo triste. Que feio é. Para que a minha fé não seja triste, eu vim aqui para me contagiar com o entusiasmo de vocês”.

Contudo, na Vigília do sábado, o último testemunho dos jovens da noite também girou em torno de uma “mudança”, de uma “conversão” de uma moça: ela deixou de ouvir “funk proibidão” (termo repetido várias vezes) e de falar palavrões. “Manhã, tarde e noite – relatou a moça –, era só proibidão. Eu me recordo

de São Paulo que respirava para matar cristão, eu respirava para escutar funk proibidão. Sentia muito prazer nisso, fazia apologia ao crime, gestos obscenos e falava palavrões. Cada 10 palavras, 7 eram palavrões. Revistas de horóscopos, signos, simpatias, ao mesmo tempo todo domingo estava na Santa Missa e comungava”. Depois de ouvir uma “música da igreja” em uma rádio funk, contou, “sem perceber, parei de escutar proibidão e falar palavrões”.

Em contraste, logo em seguida, no seu discurso, o papa desafiava os jovens à verdadeira mudança: “Talvez, às vezes (...), escutamos o Senhor, mas não muda nada em nossa vida, porque nos deixamos atontar pelos tantos apelos superficiais que escutamos. Eu lhes pergunto, mas não respondam agora, cada um responda em seu coração: eu sou um jovem, uma jovem atontado?”.

Atontado. Termo forte, claro, direto, providencial diante do que se acabara de ouvir nos testemunhos.

Um dia antes, no discurso da Via Sacra, Francisco também foi enfático sobre o tipo de mudança necessária: “A fé faz uma revolução que poderíamos chamar de copernicana, tira-nos do centro e coloca a Deus no centro; a fé nos inunda de seu amor que nos dá segurança, força e esperança, Aparentemente, parece que não muda nada, mas, no mais profundo de nós mesmos, muda tudo. (...) Amigos queridos, a fé é revolucionária, e eu te

pergunto: hoje, tu estás disposto, estás disposta a entrar nessa onda da revolução da fé?”.

Mais diretamente, na Vigília, Francisco pediu “os jovens na rua”. “São jovens que querem ser protagonistas da mudança. Por favor, não deixem que outros sejam os protagonistas da mudança. Vocês são os que têm o futuro. (...) Continuem superando a apatia e oferecendo uma resposta cristã às inquietações sociais e políticas que vão surgindo em diversas partes do mundo. Peço-lhes que sejam construtores do futuro, que se ponham ao trabalho por um mundo melhor. Queridos jovens, por favor, não ‘olhem da sacada’ a vida, metam-se nela. Jesus não ficou na sacada, meteu-se; não ‘olhem da sacada’ a vida, metam-se nela como fez Jesus”.

3 O papa

Por fim, o grande protagonista da Jornada foi, sem dúvida, o Papa Francisco. O “primeiro” em tantas coisas na vida da Igreja: o primeiro papa latino-americano, o primeiro papa jesuíta, o primeiro papa a ter a coragem de assumir o nome de Francisco; o “inovador” do papado, do pontífice que carrega a sua própria mala e circula por uma das cidades mais violentas do país com os vidros do carro abertos e em um papamóvel sem vidro blindado, fora da “caixa de vidro”, criticada por ele

em sua entrevista à TV, para tratar como gente as pessoas que ele visita.

Em seu discurso de despedida, no domingo à noite, Francisco disse que estava partindo “com a alma cheia de recordações felizes”. “Neste momento – continuou – já começo a sentir saudades. Saudades do Brasil, este povo tão grande e de grande coração; este povo tão amoroso (...). Tenho a certeza de que Cristo vive e está realmente presente no agir de tantos e tantas jovens e demais pessoas que encontrei nesta inesquecível semana. Obrigado pelo acolhimento e o calor da amizade que me foram demonstrados. Também disso começo a sentir saudades”.

Essa “saudade” certamente nasceu também no coração de todos os peregrinos, que ouviram e viram o papa falar e pôr em prática a sua opção em pôr Cristo no centro, a sua ênfase na liberdade de consciência e a “nova primavera em todo o mundo” que Cristo está preparando (também encarnada pelas palavras e pelos gestos de Francisco).

3.1 Cristo no centro

Para Francisco, não basta “botar fé”, slogan utilizado pela organização brasileira para a peregrinação dos símbolos da Jornada por todo o país. Além de não especificar em quem se “bota a fé”, o slogan deixa fal-

tar ainda os complementos: esperança e amor (em que, aliás, “o maior deles é o amor”, cf. 1Cor 13, 13). Com a fé, disse o papa, “a vida terá um sabor novo, a vida terá uma bússola que indica a direção”; com a esperança, “todos os seus dias serão iluminados e o seu horizonte já não será escuro, mas luminoso”; com o amor, “a sua existência será como uma casa construída sobre a rocha, o seu caminho será alegre, porque encontrará muitos amigos que caminham com você”.

E afirmou: “Hoje será bom que todos nos perguntemos sinceramente: em que botamos a nossa fé? Em nós mesmos, nas coisas ou em Jesus? Todos temos muitas vezes a tentação de pormo-nos no centro, de crer que somos o eixo do universo, de crer que nós sozinhos construímos a nossa vida [...]. ‘Bota Cristo’ em tua vida, põe tua confiança nele e não ficarás desiludido!”.

“Botar Cristo” na própria vida: esse é o desafio de Francisco a todos os jovens. Assim, “tua vida estará cheia do seu amor, será uma vida fecunda. Porque todos nós queremos ter uma vida fecunda. Uma vida que dê vida a outros”.

3.2 Liberdade de consciência

Muito mais do que a liberdade pessoal (“Eu não tenho medo. Sou inconsciente”, diria ele em sua primei-

ra entrevista televisiva), que o leva a andar de carro não blindado, com a janela aberta, em pleno centro do Rio, a percorrer a multidão em um papamóvel aberto para poder beijar as crianças e saudar as pessoas, Francisco também promoveu a liberdade de consciência em todos os jovens peregrinos.

Isso ficou patentemente claro na Via Crucis e na Vigília do sábado. Na Via Sacra, Francisco disse: “Eu te pergunto hoje: tu, como quem queres ser? [referindo-se a Pilatos, Cirineu ou Maria] (...) E tu, como qual deles queres ser? Como Pilatos, como o Cirineu, como Maria? Jesus está te olhando agora e te diz: queres me ajudar a levar a Cruz? Irmão e irmã, com toda a força de jovem, o que lhe respondes?”.

O convite é pessoal (“tu”), inclusivo (“irmão e irmã”) e direto (“Jesus está te olhando e te diz”). A resposta, porém, fica na consciência de cada um.

Na Vigília, Francisco promoveu um dos mais belos momentos místicos da Jornada, em que os milhões de pessoas reunidas na praia fizeram alguns instantes de silêncio diante do convite do papa: “Façamos uma coisa: todos em silêncio, olhemos para o coração, e cada um diga a Jesus que quer receber a semente [lançada por Jesus]. Diga a Jesus: ‘Olha, Jesus, as pedras que existem, olha os espinhos, olha os jugos, mas olha este pedacinho de terra que eu te ofereço, para que a semente entre’. Em silêncio, deixemos

entrar a semente de Jesus. Lembrem-se desse momento. Cada um sabe o nome da semente que entrou. Deixem-na crescer, e Deus vai cuidá-la”.

“Cada um sabe”... No silêncio da liberdade de consciência de cada um, Deus “vai cuidar” dessa semente e a fará crescer.

E ainda: “Eu te pergunto, mas responde no teu coração, hein! Não em voz alta, em silêncio. Eu rezo? Cada um se responda. Eu falo com Jesus? Ou tenho medo do silêncio? Deixo que o Espírito Santo fale no meu coração? Eu pergunto a Jesus: o que queres que eu faça? O que queres da minha vida? Isso é treinar-se. Perguntem a Jesus, falem com Jesus”.

O papa pergunta. Mas a resposta está “no teu coração”, “em silêncio”, na ação do “Espírito Santo no meu coração”. “Cada um se responda”.

O contraponto foram os shows musicais que antecederam os grandes encontros em Copacabana. Enquanto a multidão aguardava o início das celebrações, diversos músicos católicos e padres cantores se revezavam no palco. E a espiritualidade proposta revelava a crescente “pentecostalização” do catolicismo brasileiro, um “catolicismo evangélico” já analisado por diversos estudiosos.

Uma das canções interpretava a Eucaristia como “o céu dentro de mim”, saciando o fiel “triste, abatido,

precisando de amor”. Outra falava que “o meu lugar é o céu”, é o lugar onde “eu quero morar”.

Contudo, distante de uma interpretação personalista dos sacramentos ou deturpada da presença divina “no céu”, Francisco disse na homilia da Missa de Envio que somos enviados por Cristo, sem medo, para servir. “No começo do salmo que proclamamos – afirmou – estão estas palavras: ‘Cantem ao Senhor um canto novo’ (95,1). Qual é esse canto novo? Não são palavras, não é uma melodia, mas é o canto da nossa vida, é deixar que a nossa vida se identifique com a de Jesus, é ter os seus sentimentos, os seus pensamentos, as suas ações. E a vida de Jesus é uma vida para os demais. É uma vida de serviço”.

Além disso, em vez de buscar um “céu” distante, Francisco convidou, na quarta-feira, na visita ao Hospital São Francisco, a “abraçar a carne sofredora de Cristo” nos irmãos e irmãs em dificuldade. “Jesus foi quem veio primeiro para junto de nós e não nos deu somente um pouco de Si, mas se deu por inteiro, Ele deu a sua vida para nos salvar e mostrar o amor e a misericórdia de Deus”, disse Francisco na Missa de Envio.

Assim se manifesta a liberdade de consciência. Jesus não propõe a desconexão com o mundo, em uma liberdade fora do mundo (“no céu”) ou personalista (“o meu próprio bem”). Jesus também não impõe, não é

“vontade de domínio” ou “vontade de poder”. A liberdade de consciência se manifesta na “força do amor”, disse o papa. Ser livre, para o papa, é dar-se totalmente pelos demais, como Jesus, é ter “uma vida de serviço para os demais”. “Jesus não nos trata como escravos, mas como pessoas livres, como amigos, como irmãos; e não somente nos envia, mas nos acompanha, está sempre junto de nós nesta missão de amor”, afirmou.

Para Francisco, é nessa liberdade de consciência – que brota do Espírito, no diálogo com Jesus –, que nascem a oração, o discipulado missionário e o amor fraterno encarnado especialmente na carne sofredora de Cristo nos pobres.

3.3 Nova primavera

Em sua despedida no aeroporto, Francisco afirmou que continuará nutrindo “uma esperança imensa nos jovens do Brasil e do mundo inteiro: através deles, Cristo está preparando uma nova primavera em todo o mundo. Eu vi os primeiros resultados desta sementeira; outros rejubilarão com a rica colheita!”.

O pontificado de Francisco como um todo tem sido uma “nova primavera”. Mas Francisco reconhece que essa primavera não é apenas dele, mas também dos jovens. Ou, melhor, não é nem dele, nem dos jovens,

mas de Cristo. E assume que ele, Francisco, só poderá ver os primeiros frutos, pois reparar a Igreja se trata de um processo longo.

Na Vigília, Francisco refletiu sobre essa primavera a partir de “três imagens que podem nos ajudar a entender melhor o que significa ser um discípulo missionário: a primeira imagem, o campo como lugar onde se semeia; a segunda, o campo como lugar de treinamento; e a terceira, o campo como canteiro de obras”. A semente de Jesus precisa ser acolhida pelo jovem. Depois de recebê-la, é preciso cuidá-la, treinar-se para a missão. Por fim, os jovens são convidados a dar o melhor de si e a construir a Igreja.

E perguntou: “Querem construir a Igreja? [Todos: “Sim!"] Animam-se? [“Sim”] E amanhã vão se esquecer do que disseram? [“Não!”] Assim que eu gosto”. O desafio de Francisco aos jovens é de serem construtores da Igreja e protagonistas da história. “Chicos e chicas, por favor: não se ponham no rabo da história. Sejam protagonistas. Juguem para a frente. Chutem para a frente, construam um mundo melhor. Um mundo de irmãos, um mundo de justiça, de amor, de paz, de fraternidade, de solidariedade. Juguem para a frente sempre”.

A “nova primavera”, portanto, é uma “utopia” positiva e possível, como reafirmou o papa em sua entrevista à TV. “Na Igreja de Jesus – continuou ele na

Vigília –, as pedras vivas somos nós, e Jesus pede que edifiquemos a sua Igreja. (...) Cada pedacinho vivo tem que cuidar da unidade e da segurança da Igreja. E não construir uma pequena capela onde só cabe um grupinho de pessoas. Jesus nos pede que a sua Igreja seja tão grande que possa alojar toda a humanidade, que seja a casa de todos”.

E, encerrando a Vigília, disse: “Queridos amigos, não se esqueçam: vocês são o campo da fé. Vocês são os atletas de Cristo. Vocês são os construtores de uma Igreja mais bela e de um mundo melhor”. Por isso, na Missa de Envio, convidou a pôr em prática três palavras: “ide”,

“sem medo”, “para servir”. “Levar o Evangelho é levar a força de Deus, para extirpar e destruir o mal e a violência; para devastar e derrubar as barreiras do egoísmo, da intolerância e do ódio; para construir um mundo novo”, concluiu Francisco.

Uma nova primavera em todo o mundo, portanto, que não é nem do papa nem dos jovens, e sim de Cristo, mas que, para começar, precisa do papa e dos jovens. Com a metáfora do futebol, o papa convidou os jovens a “treinar, e muito” para essa convocação, que é “superior à Copa do Mundo”. De sua parte, Francisco já deu o pontapé inicial e, no Brasil, marcou um golão.

Francisco: uma bela surpresa de Deus

Entrevista especial com Dom Mauro Morelli

“Por causa da convivência com os pobres, Francisco percebeu quais são as questões importantes. A prioridade dele é estar junto desse povo, dar atenção a ele, incentivar que levante e caminhe”, diz o bispo emérito da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti.

“Francisco é um bispo que Deus colocou num submundo de periferia, por isso o apelo dele é voltar-se para este mundo”, diz Dom Mauro Morelli, bispo emérito da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, no Rio de Janeiro, em entrevista concedida à *IHU On-Line* pessoalmente. Para ele, o pontificado de Francisco acena para “algumas questões que precisam ser entendidas”. Entre elas, enfatiza, “resgatar a dimensão humana, porque, do contrário, tudo perde o sentido. A grande demonstração dele é a humanidade no sentido de ser gente, comportar-se como gente,

comover-se como gente. Esse é o grande foco de sua transformação”.

Dom Mauro Morelli esteve presente no encontro do Papa com os bispos brasileiros durante a Jornada Mundial da Juventude – JMJ, e avalia que seu discurso sinalizou para a importância da “conversão pastoral”, para a necessidade de “entender que os bispos são servidores desse povo, portanto, não estão em um andar superior”. E acrescenta: “Conversão pastoral significa saber, aceitar e viver o pastoreio”.

Mauro Morelli foi o fundador do Instituto Harpyia e um dos fundadores do Movimento pela Ética na Política. Fortaleceu a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Esteve à frente da criação do conceito de segurança alimentar como combate à fome e foi um dos articuladores do programa Mutirão de Combate à Desnutrição Materno-Infantil. Foi membro do Comitê Permanente de Nutri-

ção da ONU, e atualmente é presidente do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável de Minas Gerais – CONSEA/MG.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como foi seu encontro com Papa Francisco durante a Jornada Mundial da Juventude – JMJ?

Dom Mauro Morelli – Minha participação na Jornada Mundial da Juventude – JMJ foi muito restrita por várias razões, inclusive por questões climáticas de chuva e frio. Particpei da missa na Catedral e do encontro do Papa com os bispos do Brasil. Depois do almoço, cada bispo pôde se aproximar brevemente dele para uma saudação, tendo o bom senso de perceber que éramos mais de 200. Ao saudá-lo disse-lhe três coisas. A primeira delas: “O senhor é uma surpresa de Deus”. Ele é uma surpresa de Deus porque a Igreja passa por uma profunda crise, e alguém inserido no sistema seria incapaz de ter a liberdade de espírito de entender a crise, e ter coragem de dar passos novos. Por isso, os cardeais chamaram um bispo de longe, que trouxe uma provocação para a Igreja e para a humanidade. Há pouco tempo soube da afirmação de um membro da Cúria Romana que o Papa escolheu um grupo de cardeais para propor reformas, os quais nada entendem da Cú-

ria. Ótimo que não entendam, porque se entendessem, ficariam impotentes e não fariam modificações.

Uma segunda palavra em referência aos bispos eméritos em seu discurso aos bispos brasileiros, afirmando preservar a participação dos eméritos e dos idosos na Igreja para dialogar com os mais jovens, para ajudar a compreender e a entender o caminho. Afirmei com tristeza que sendo 160 bispos eméritos não integramos a CNBB. Em conversa com o cardeal Peter Kodwo Appiah Turkson, entendi que em Gana, seu país, os eméritos são membros da Conferência. No Brasil, o bispo emérito não é membro da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. Se houver um Concílio Ecumênico, a maior reunião da Igreja, o bispo emérito tem participação com direito pleno. Na CNBB, contudo, é apenas um convidado.

A terceira coisa que disse ao Papa é que me dedico à questão da fome há muitos anos, como é do conhecimento do Cardeal Maradiaga. Depois espontaneamente peguei no braço dele dizendo: “Deus te abençoe”, porque ele tem uma grande missão a realizar. Ele deve ter pensado que eu “estou fora do eixo”. (risos)

IHU On-Line – Qual foi sua impressão do encontro com o Papa, e que mudanças vislumbra no pontificado?

Dom Mauro Morelli – Confesso a você que tenho um grau de identificação com o Papa Francisco, porque nosso itinerário de vida pastoral é bem semelhante. Nesse sentido, a experiência de enxergar o mundo a partir da realidade em que se está situado é fundamental e decisivo. Ele nunca ensaiou ser Papa. Dá-me a impressão de ser autêntico, não faz show, é coerente, e cultiva os mesmos valores enquanto bispo em Buenos Aires.

Vivi algumas tensões na vida de bispo, porque uma coisa é entender o mundo a partir da Baixada Fluminense e, outra, entendê-lo do Sumaré. Veja, Francisco é um bispo que Deus colocou no submundo de periferia, por isso o apelo dele é voltar-se para a periferia. Fiquei contente vendo o Papa entrando na casa de família que mora na favela; dando atenção às pessoas, revelando-se muito humano. Tenho certeza de que para muitos que vivem em Roma, essa surpresa virou um susto. Disse recentemente que é uma pessoa indisciplinada e, portanto, ninguém em Roma está seguro, porque não se sabe como o Papa irá agir e aprontar.

Para o Papa Francisco é de primordial importância resgatar a dimensão humana, do contrário tudo perde o sentido. Sentir-se gente, comportar-se como gente e comover-se como gente. Eis o grande foco de seu entendimento da natureza do pastoreio na Igreja.

Condição humana

Pessoalmente penso que um Papa enfrenta dois problemas: o seu endeusamento na Igreja e a condição de chefe de Estado. O Papa Francisco parece recusar a assumir esses papéis. Na Igreja as coisas devem ser feitas dentro da condição humana, porque ninguém faz nada sozinho. Até o Deus em que cremos é comunitário. Portanto, o Papa está dizendo que tudo na Igreja tem de ser trabalhado de forma participativa, corresponsável, colegiada e sinodal. Essa dimensão é o reconhecimento de que nenhum de nós esgota a verdade, e que ela é maior do que todos nós.

Ele já acenou que o sínodo deve ser mais valorizado e, portanto, não deveria ser apenas uma experiência consultiva. Acredito que no próximo sínodo ele participará e abençoeirá o consenso. Recentemente declarou que se sente enjaulado, expressando a vontade de viver com liberdade e não amarrado a estruturas e conveniências.

Reformas

Alguns falam que a Igreja deve vender tudo que tem e doar o dinheiro aos pobres. Essa é uma conversa um tanto desqualificada, porque não se resolve problema dos pobres vendendo museus. Além do mais, a Igreja

tem a custódia de herança histórica, cultural e artística, que não pode ser jogada fora. Mesmo que o Papa quisesse se livrar disso, seria um processo lento para encontrar uma equação adequada. Trata-se de um assunto complexíssimo.

Particularmente penso que seria um grande passo se o Papa confiasse as atividades diplomáticas, problemas sociais e ambientais, junto à ONU e Governos à Secretaria de Estado, integrada por mulheres e homens escolhidos dentre os quadros das Comissões de Justiça e Paz, chefiada por um primeiro ministro; cabendo à Congregação dos Bispos em diálogo com as Conferências Episcopais as questões relacionadas ao processo de constituição e provisão de dioceses. Considero importante que a Igreja possa participar de organismos da ONU através de leigos e leigas eminentes na fé e no saber.

Cada Conferência Episcopal poderia ter uma comissão integrada por um delegado do Papa. Esse serviço deveria ser ligado à Congregação dos Bispos, e não à Secretaria de Estado. Hoje o nuncio, que é o embaixador, tem em sua mão toda a relação com o poder político e com a Igreja. Ele quem faz os processos de constituição de dioceses e eleição de bispos, sem um bom conhecimento do país e da realidade. Considero princípio

básico que Deus só pede para você fazer alguma coisa que ordinariamente está dentro da condição humana. O Papa tem uma consciência da grandeza da missão e da limitação humana. Vejo que um equacionamento nessas duas direções seria fundamental. Obviamente que a descentralização do serviço, permite encontrar outros mecanismos de participação.

Nós chegamos, na Igreja, a um paralelismo semelhante ao dos governos, com um grau de burocracia que ninguém consegue mais operar. Estamos chegando a um impasse na capacidade de funcionar. Por isso, é importante que o Papa mantenha a sua humanidade. Esses dias ele falou que não pode ir para rua, quer dizer, a que ponto chegamos se o pastor da Igreja de Roma não pode mais andar na rua?

IHU On-Line – Que interpretação fez do discurso do Papa aos bispos do Brasil? Como os bispos brasileiros reagiram às mensagens de Francisco?

Dom Mauro Morelli – O ponto fundamental foi afirmar que bispo é pastor. A conversão pastoral é justamente entender que os bispos são servidores desse povo, portanto, não estão em um andar superior. O Papa disse: “Sejam pastores, andem na frente das ovelhas para abrir caminho, no meio delas, para conseguir entendimento

e, atrás, para ninguém ficar isolado”. Então, conversão pastoral significa saber, aceitar e viver o pastoreio.

Francisco recomendou que nos livremos da psicologia de príncipes. O processo histórico fez do Papa um rei e, dos bispos, príncipes. No Brasil também construíram palácios para os bispos. Na diocese, a primeira vez que me chamaram de Vossa Excelência, eu disse: “Nunca mais me xinguem com esse nome”. Toda criança que nasce no mundo é excelentíssima e reverendíssima. Quer dizer, é excelente e tem de ser reverenciada. Não é porque eu sou bispo que tenho de ser excelência. O Papa demonstra querer romper com essa cultura.

Obviamente, não podemos ignorar a história, mas o Papa pode mudá-la. Francisco desmistificou o papado, mostrando que o Papa também é gente. Além do mais, ele está dizendo que a Igreja está cheia de estruturas velhas e é preciso mudá-las.

Por causa da convivência com os pobres, Francisco percebeu quais são as questões importantes. E a prioridade dele é estar junto desse povo, dar-lhe atenção,

incentivar que levante e caminhe. O Papa está dizendo para a Igreja: “Saia de si mesmo e vá para a periferia”. Lembro das diretrizes de Dom Paulo Evaristo Arns. Unidos cada um caminhando numa direção, ou seja, a ordem era os bispos irem para fora, para a periferia; voltando à Catedral no dia de Corpus Christi, para simbolizar a unidade do povo de Deus. O Papa está clamando pela periferia. Sinto-me muito identificado com ele. Alegro-me pelas escolhas que faz, semelhantes às minhas.

Rogo a Deus para que o Papa tenha força e determinação. Penso que ele vai sofrer muito. Sua missão exige muito amor e doação. Ele não aceita ser enquadrado num molde e num estilo de vida que não corresponde ao Evangelho. Sempre digo que quanto mais humana a pessoa for, mais Evangélica será. A grandeza da vida em comunhão fraterna e solidária é o Reino de Deus. O segmento de Jesus me põe num caminho, no qual o mais preciosa é a vida em comunhão, a integração das pessoas. A essência do Evangelho é a comunhão.

A eleição do papa: um olhar feminino

Artigo de Lucia Ribeiro

“O espetáculo dos cardeais, desfilando com o luxo de seus trajes púrpura-renascentistas, pela Praça de S. Pedro. É a cúpula da Igreja, constituída exclusivamente por homens idosos e celibatários, em cujas mãos se concentra o poder eclesial; e é aplaudida frenética e entusiasticamente pela multidão que se encontra na praça e na qual as mulheres, provavelmente, são a maioria”, escreve Lucia Ribeiro, socióloga.

Segundo ela, “não se trata, simplesmente, de exigir uma participação feminina na atual estrutura de poder eclesial, nem mesmo de apenas levantar a temática da ordenação de mulheres. O que é preciso questionar é a própria estrutura hierárquica. Porque esta não é apenas patriarcal: é também uma verdadeira autocracia”.

Eis o artigo.

Diante da multiplicação de entrevistas, artigos e sobretudo imagens da TV sobre a eleição do novo papa, não posso deixar de sentir, como mulher e como cristã, um certo mal-estar. Porque todo o processo visibiliza e

deixa explícita a exclusão da mulher da esfera de poder da Igreja Católica.

Duas imagens, especialmente, me chamaram a atenção: por um lado, o espetáculo dos cardeais, desfilando com o luxo de seus trajes púrpura-renascentistas, pela Praça de S. Pedro. É a cúpula da Igreja, constituída exclusivamente por homens idosos e celibatários, em cujas mãos se concentra o poder eclesial; e é aplaudida frenética e entusiasticamente pela multidão que se encontra na praça e na qual as mulheres, provavelmente, são a maioria.

Por outro lado, a foto do *Globo* de domingo, intitulada “o lado feminino da Igreja”, mostra duas freirinhas – ainda de hábito! – jogando futebol com as crianças; a associação imediata é a de uma dimensão lúdica que sugere uma certa infantilização. Não seria essa, justamente, uma forma de legitimar subliminarmente a situação subalterna das mulheres na Igreja?

É evidente que imagens não esgotam uma realidade muito mais complexa e contraditória, mas têm uma

força própria para sublinhar características predominantes; e, neste caso, reforçam a ideia da exclusão feminina na esfera do poder eclesial.

Mas não é apenas o espetáculo oferecido pelo Vaticano que tem a marca de um patriarcalismo indisfarçável. As próprias análises, os artigos e as entrevistas, são, na sua maioria – com honrosas exceções – realizados por homens. Ou seja, trata-se de todo um espaço dominado pela presença masculina. Não se pode esquecer, entretanto, que boa parte da população católica é composta por mulheres; e não é por acaso que, nesta Igreja em crise, vem sendo repetido que é fundamental repensar o lugar da mulher.

Mas aqui entra uma questão mais de fundo. Porque não se trata, simplesmente, de exigir uma participação feminina na atual estrutura de poder eclesial, nem mesmo de apenas levantar a temática da ordenação de mulheres. O que é preciso questionar é a própria estrutura hierárquica. Porque esta não é apenas patriarcal: é também uma verdadeira autocracia, em que o poder está concentrado nas mãos de um chefe supremo (e não posso deixar de pensar no regime czarista da Rússia imperial ou nas monarquias absolutas dos séculos XVII e XVIII). E não é desta estrutura que as mulheres desejam fazer parte. Ela precisaria ser radicalmente transformada, dando lugar a diversas formas colegiadas, sem um

“pontifex maximus”, concepção absolutista herdada da Roma dos céares. Só assim o povo de Deus, homens e mulheres, poderia participar na Igreja de maneira equitativa, plural e democrática.

É evidente que tais mudanças estruturais não se fazem da noite para o dia. Tampouco dependem apenas da eleição de um novo papa, seja ele mais conservador ou mais progressista. É claro que este pode jogar um papel relevante. Mas o fundamental é a transformação que vem das bases. E que, felizmente, já está se realizando, embora de formas muitas vezes invisíveis, na fragmentação de uma realidade multifacetada. É aí que as mulheres começam a ocupar um lugar fundamental, como agentes de pastoral, coordenadoras de comunidades, assessoras, participantes de ministérios não-ordenados, ou de tantas outras formas, como membros ativos de suas comunidades. Na realidade, reatualizam o papel desempenhado por mulheres nas comunidades cristãs primitivas.

Neste contexto, será mais fácil também discutir abertamente e conseguir dar respostas aos famosos “temas congelados” – celibato obrigatório, sexualidade – hetero e homo –, contracepção, aborto e tantos outros – que interessam tanto aos homens como principalmente às mulheres, e que, dentro da atual estrutura, patriarcal e concentradora de poder, dificilmente serão resolvidos.

A Jornada Mundial da Juventude e a visita do Papa Francisco ao Brasil: notas reflexivas sobre mídia, religião e política

Artigo de Magali do Nascimento Cunha

“Um humorista escreveu em coluna de jornal: “O papa é muito simpático, mas é papa”. Sim, Francisco leva um nome simbólico, expressa atos simbólicos, que o tornam simpático e fonte de esperança de renovação da Igreja Católica, mas do alto do seu pontificado ainda não teve tempo de revelar ações que correspondam a estas expectativas. Transformar a Cúria e o Banco do Vaticano seria pouco. Precisamos aguardar”, escreve Magali do Nascimento Cunha, jornalista, doutora em Ciências da Comunicação, professora da Universidade Metodista de São Paulo e autora do livro *A Explosão Gospel*. Um Olhar das Ciências Humanas sobre o cenário evangélico contemporâneo (Ed. Mauad).

Eis o artigo.

Encerradas a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) e a visita do Papa Francisco ao Brasil, ficam os desafios para a reflexão em torno dos desdobramentos

que estes eventos religiosos trazem para a relação mídia-religião-política, à qual temos nos dedicado.

Recebemos pelas lentes e páginas das mídias relatos que mostraram o mesmo clima de jornadas anteriores, reunindo centenas de milhares de jovens motivados pela fé de orientação católica a renovarem seu compromisso com a Igreja e sua missão, muito em torno da presença carismática do seu líder maior, o Papa. A singularidade do encontro do Brasil estava na presença do Papa Francisco, recém-empossado, em sua primeira visita oficial. É possível afirmar de imediato que a realização da JMJ com a presença do Papa Francisco alcançou um feito de peso: reforçou a instituição católica como a “grande religião” do Brasil.

Pode-se também identificar elementos na visita do Papa vistos como positivos, que estimulam um reposicionamento da Igreja Católica no País e sua pastoral a

uma postura menos fechada em si mesma e mais alinhada com as demandas populares cotidianas, e também pontos polêmicos que mostram que Francisco ainda tem muito a percorrer se suas palavras pavimentam de fato o caminho que deseja trilhar.

Portas que se abrem

Desde fevereiro de 2013, Francisco vinha encantando os fiéis, as mídias e seu público com atitudes simbólicas de marcação de uma nova etapa na vida da Igreja Católica, que necessitaria imprimir: despojamento, humildade, busca de correção de princípios e de retidão. Os posicionamentos do Papa Francisco em terras brasileiras reafirmaram estas atitudes.

Não é por acaso que essas posturas e palavras de Francisco estejam animando e renovando a esperança de novos tempos para os grupos católicos chamados progressistas (em especial os teólogos da libertação, as pastorais sociais e as Comunidades Eclesiais de Base), colocados à margem da igreja durante mais de duas décadas, por meio de processos de silenciamento e da nomeação de bispos que diminuíram seus espaços. Ações em nome de um projeto de nova cristandade implementado pelo Papa João Paulo II (Evangelização 2000/Lumen 2000), que não enfati-

zava posturas políticas de compromisso com a promoção da justiça mas sim a reafirmação da identidade religiosa católico-romana.

O declínio do catolicismo em termos numéricos, em especial no continente onde repousava sua maior força, o latino-americano, revelou os rumos mal sucedidos no projeto. Se João Paulo II ainda atraía atenções para a Igreja Católica e alcançava adesões e simpatia com seu carisma pessoal e sua história de pastor polonês, de “papa do povo”, Bento XVI com sua postura burocrática, fria e distância do povo levou a um crescente desgaste de imagem. Ambos os pontificados foram engolidos pelas tramas da política eclesiástica alimentadas por escândalos comprometedores da trajetória da Igreja e pelas posturas de fechamento da igreja ao diálogo interno (entre suas diferentes tendências teológicas) e externo (com as demandas da sociedade).

Francisco retoma o carisma da popularidade de João Paulo II casando-a com um discurso de pastor, solidário, preocupado com quem sofre e carece de atenção e justiça. Torna-se uma promessa de novos tempos para uma igreja cuja imagem tem sido desgastada publicamente. A proposta, por ações simbólicas, de uma igreja menos burocrática, mais despojada e humana é a chave que abre a porta fechada por João Paulo II e por Bento XVI a uma igreja socialmente engajada.

O Papa Francisco proferiu diversos discursos na semana que passou no Brasil: falou aos jovens participantes da Jornada; a participantes de missa no Santuário de Aparecida; a participantes em visitas a uma favela, a um hospital, a um centro de tratamento de dependentes químicos; a políticos e pessoas ligadas a organizações civis; aos bispos da Igreja Católica; além de falas mais breves em momentos como o da sua recepção e despedida.

Nesses espaços foram ressaltados: o papel da Igreja como comunidade acolhedora que sai ao encontro das pessoas, em especial as pobres, das periferias, pois elas são intermediárias de um encontro com Cristo; o papel do Cristianismo como gerador de fé que é fonte de alegria e de esperança; o diálogo como caminho para um futuro melhor no mundo, instrumento na política, que deve ser reabilitada/revalorizada, e entre as religiões. O Papa pregou a necessidade de uma visão humanista da economia e de uma política que deve realizar cada vez mais e melhor a participação das pessoas, por isso, como se esperava, valorizou as manifestações políticas públicas “como vigorosas contribuições das energias morais”. Nesse sentido, afirmou que o Estado deve ser laico mas garantindo que as religiões preguem os seus princípios. Especificamente aos jovens, o Papa incenti-

vou o seu papel como motor da Igreja e pediu que não desanimem com a política por causa da corrupção. Estes conteúdos têm sido avaliados como positivos para um reposicionamento da Igreja Católica no Brasil que reabra espaços para teologias e pastorais comprometidas com demandas populares.

Já em relação à JMJ, a interação dos jovens de todo o mundo com as comunidades locais e os estudos/debates que ocorriam na Tenda das Juventudes, promovida por diversas organizações católicas e ecumênicas, não foram destaque nas mídias, já que não renderam espetáculos. Todavia, revelaram-se ponto alto do evento. Nas comunidades, jovens conheceram experiências locais e partilharam suas próprias em interação com famílias, com paróquias e com CEBs. Um dos destaques foi o fato de que famílias e igrejas evangélicas abriram suas portas para esses momentos, transformando a experiência em espaço ecumênico.

Com o tema “A juventude quer viver”, a Tenda das Juventudes, ignorada pelas mídias, foi espaço de debate e reflexão da realidade juvenil e políticas públicas para a juventude e contou com mesas temáticas, celebrações e momentos de oração, exposições, apresentações culturais. Ali havia o espaço em memória dos mártires, denominado Santuário dos Mártires, local dentro da

tenda para aprofundar e celebrar a memória de pessoas que perderam a vida por conta de uma pastoral socialmente engajada.

As mesas temáticas trataram de desafios socioambientais da humanidade e a juventude; crise econômica, direitos sociais e juventudes; tráfico de pessoas; juventudes, cultura, comunicação e direitos humanos; civilização do amor e a evangelização da juventude na América latina; e solidariedade. A atividade foi organizada pela Pastoral da Juventude, Cáritas Brasileira, Juventude Franciscana, Comissão Brasileira de Justiça e Paz, Cajueiro – Centro de Formação, Assessoria e Pesquisa em Juventude, REJU – Rede Ecumênica da Juventude, Irmandade dos Mártires da Caminhada, Setor Pastoral da PUC/RJ, com a parceria do PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento; da Superintendência de Juventude do Governo do RJ; da Secretaria Nacional de Juventude do Governo Federal; e da Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude.

No espaço denominado “Cidade da Fé”, no Rio-centro, várias organizações também tiveram chance de chamar os participantes da JMJ à reflexão em temáticas diversas, como, por exemplo, a Marcha Mundial por Justiça Climática, Sustentabilidade e Contra o Aquecimento Global.

Também na JMJ, a dimensão ecumênica se fez presente em outras situações. A convite da Renovação Carismática Católica, os cantores gospel evangélicos Asaph Borba, Dawidh Alves, Bené Gomes, Mike Shea, Isaías Carneiro, Mike Herron e Matteo Calisi se apresentaram no Encontro Internacional das Novas Comunidades e Renovação Carismática Católica. Borba postou no Facebook: “Hoje pude ver o que Deus pode fazer quando quebramos as barreiras que nos separam não apenas dos católicos mas das vidas”. Houve ainda encontros, como o realizado na PUC do Rio, que envolveram jovens de diferentes religiões.

Nas mídias impressas foi timidamente divulgado o encontro do Papa com fiéis de uma congregação da Assembleia de Deus na favela de Manguinhos. O pastor Elenilson Ribeiro aceitou o pedido de um membro da equipe organizadora para que o papa passasse por lá: “Aceitamos, claro, afinal somos irmãos em Cristo. É uma interação positiva, nós aprendemos sempre que não existe essa diferença e nem deve haver briga. Sem paz com todos, não veremos Deus”, disse. O papa cumprimentou os pastores e pessoas que estavam na igreja e orou o Pai Nosso com o grupo. O pastor Eliel Magalhães, também liderança da igreja, ressaltou que o templo ficou à disposição dos peregrinos católicos o tempo todo,

prestando suporte às pessoas. “A gente tem o seguinte posicionamento: Jesus Cristo é o senhor. Nosso Pontífice não é o papa, mas ficamos muito contentes com a visita. Deixamos a igreja aberta para apoiar as pessoas, quem precisasse ir ao banheiro, beber uma água”, explicou Magalhães a repórteres.

São aberturas de portas em muitos sentidos. Sites evangélicos divulgaram opiniões positivas quanto às posturas apresentadas pelo Papa Francisco. Há também quem queira manter as portas fechadas. O cantor Asaph Borba desabafou em espaços na internet a tristeza com comentários críticos rudes em relação a sua participação na JMJ como evangélico. Em sua conta no Twitter o pastor da Assembleia de Deus Vitória em Cristo Silas Malafaia postou, em tom debochado, críticas à visita do Papa e à cobertura da mídia, com discurso que coloca os evangélicos como competidores em vantagem pela hegemonia do campo religioso.

Aspectos controversos

O uso de recursos públicos para financiamento da JMJ e da visita do Papa foi um ponto controverso marcante que culminou com o caso da transferência do local do encontro do Papa com os participantes da JMJ

de Pedra de Guaratiba para Copacabana, por conta das chuvas. Todo o investimento financeiro feito no terreno com terraplanagem e infraestrutura, foi desperdiçado por conta do lamaçal que se tornou o local. No momento, há uma investigação do Ministério Público sobre a aplicação e gestão dos valores públicos pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Um protesto organizado no final da apresentação da Via Sacra em Copacabana (26 de julho) denunciou este aspecto com palavras de ordem como “Você abençoado, também é explorado”. Manifestantes chegaram próximos ao palco e conseguiram provocar o encerramento do show gospel que acontecia.

O uso de recursos públicos com a visita do Papa e a JMJ também foram objeto de protesto no Santuário de Aparecida. A manifestação foi organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto e pelas organizações Periferia Ativa e Resistência Urbana. “O objetivo é dialogar com o discurso adotado pelo Papa de proximidade com os pobres. Queremos que ele se posicione contra esses ataques que os pobres têm sofrido no Brasil, como os despejos para as obras da Copa e as mortes cometidas pela polícia”, disse Guilherme Boulos, do MTST, ao jornal O Globo.

O Papa não enfatizou a moral sexual da Igreja Católica em seus pronunciamentos, contrariamente ao

que se esperava. No entanto, o tema esteve presente por meio de manifestações de organizações LGBT e feministas. Alguns grupos fizeram questão de chamar a atenção com gestos simbólicos impactantes como o “beijaço gay” em frente a uma Igreja Católica no Largo do Machado, no Rio, também acompanhados de protestos contra os gastos públicos com a visita do Papa e a JMJ, por meio de cartazes como “Do Papa eu abro mão, quero mais dinheiro para saúde e educação”. Já participantes da Marcha das Vadias, na Orla de Copacabana reivindicaram o fim do preconceito contra homossexuais e o da violência contra as mulheres, além da legalização do aborto. Houve algumas performances de nudez e quebra de imagens de Nossa Senhora que causaram rejeição da parte do público que assistia a marcha.

A ONG Católicas pelo Direito de Decidir também organizou manifestações em diferentes locais e distribuiu uma carta aberta ao Papa Francisco pedindo mudanças na Igreja, como o fim da condenação ao aborto e a bênção à união de casais do mesmo sexo (Leia aqui a Carta Aberta).

Em entrevista à revista Carta Capital a presidente da ONG Maria José do Rosado Nunes fez a seguinte crítica: “A cabeça da juventude é uma cabeça que depende de inúmeros fatores e ser jovem não é sinônimo de ser

progressista. Os jovens estão inseridos no meio social e pertencem a uma classe social. De que jovens estamos falando? A juventude é um mundo muito diverso em termos da sua inserção de classe, sua inserção de raça, em todos os aspectos. Se aqui no Brasil a gente tem a elite brasileira com a cabeça tão conservadora, é de se supor que os filhos e filhas dessa elite reproduzam de certa maneira esse conservadorismo. Encomendamos uma pesquisa Ibope, no contexto da visita do papa, para mostrar o quanto a juventude está distante daquilo que são as proposições doutrinárias da Igreja Católica. Há uma juventude que segue o papa, que vai às jornadas, mas que não pratica a doutrina proposta por ele. Acho que a gente não pode imaginar que toda essa juventude não faça sexo, seja heterossexual, não use camisinha e anti-concepção. Uma coisa é a necessidade que eles têm, digamos, de guias e de lideranças. Agora, dessa juventude, qual é a proporção daqueles que seguem a doutrina?” Veja a entrevista na íntegra.

Do lado de quem defende os princípios restritivos da moral católica também houve criação de polêmicas. A Associação Nacional Pró-Vida e Pró-Família, um movimento contra o aborto, distribuiu entre os participantes da JMJ pequenas réplicas de fetos para tentar convencer os jovens a “valorizar o ser humano desde a fase inicial

de sua vida”, de acordo com o presidente da associação, Humberto Leal Vieira. A miniatura, feita em plástico e em tamanho real, é de um feto na 12ª semana de gestação. “A representação vem dentro de uma caixinha com um folder com explicações científicas e religiosas sobre o início da vida em três idiomas: português, espanhol e inglês”, explica Humberto.

Estas iniciativas, no entanto, causaram polêmica entre os jovens. Uma participante que recebeu um terço com “pequenos fetos” durante o encontro católico criticou os peregrinos por apelarem para a representação. Em seu perfil no Instagram, Renata Spolidoro se disse “muito assustada” com o “presente”. “Ganhei um terço. Ok. Um terço com pequenos fetos. Um terço com pequenos fetos para rezar contra o aborto. Parecem uns feijões, mas são fetos. Sério, o problema é quando as pessoas passam do seu limite e resolvem se meter na vida dos outros. Nada contra você ter a sua religião e acreditar que vai pro inferno se fizer aborto. Ótimo. Abortar ou não é uma escolha. Cada um sabe de si. Cada um sabe do seu corpo. Tô muito assustada com esse terço”, relatou ela ao Notícias Terra.

O silêncio de Francisco com a temática da moral sexual, do casamento e da ordenação de mulheres foi quebrado no trajeto de retorno ao Vaticano, no avião,

durante a viagem, quando concedeu entrevista de 90 minutos aos jornalistas que viajavam com ele. Perguntado por que não falou sobre os temas aos jovens, o papa respondeu que os jovens já conhecem a doutrina clara da igreja sobre os temas e não houve necessidade de voltar a eles. Portanto, para Francisco o ensinamento da Igreja não muda. Mas quando questionado sobre recentes revelações de que um assessor próximo seria homossexual e a uma frase atribuída a ele no início de junho, de que havia um “lobby gay” no Vaticano, o pontífice declarou: que os gays “não devem ser marginalizados, mas integrados à sociedade” e que não se sente em condição de julgá-los. “Se uma pessoa é gay, busca Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?”, afirmou Francisco aos cerca de 70 jornalistas que participavam da entrevista no avião. “O catecismo da Igreja Católica explica isso muito bem. Diz que eles não devem ser discriminados por causa disso, mas integrados à sociedade.” E concluiu: “O problema não é ter essa tendência. Não! Devemos ser como irmãos. O problema é fazer lobby, o lobby dos avaros, o lobby dos políticos, o lobby dos maçons, tantos lobbies. Esse é o pior problema”.

Reinaldo José Lopes em artigo para a Folha de São Paulo fez interessante avaliação dessa posição que vale transcrever aqui:

Nesses três temas polêmicos (homossexualidade, aborto e ordenação de mulheres), ele se limitou a dizer: o ensinamento da Igreja não muda e não achei que era o caso ficar martelando esses temas, em especial durante a Jornada Mundial da Juventude.

Por outro lado, é inegável que, numa instituição com tanto peso histórico quanto a Igreja, enfoques e ênfases também são importantes. Só para citar um exemplo, é improvável que João Paulo II achasse supérfluo, ou “fora de hora”, insistir nessas questões.

E abordar a questão da homossexualidade primeiro pelo ângulo da “misericórdia”, por mais que isso possa soar condescendente aos ouvidos da militância gay, pode ter repercussões importantes na maneira como a questão é tratada no cotidiano pastoral da Igreja.

Religião na mídia potencializada

Durante a JMJ e a visita do Papa Francisco ao Brasil, a Rede Globo fez “evangelismo”. Esta frase pode resumir, com linguagem religiosa, o que significou uma semana de atuação da emissora que comandou o “pool” de redes responsáveis pela captação e distribuição de imagens dos eventos por meio do trabalho de mil profissionais. Foram veiculados flashes ao vivo durante toda a programação com discursos do Papa Francisco transmi-

tidos na íntegra. Apresentadores deixaram as bancadas de seus telejornais para atuarem de Aparecida do Norte e da Praia de Copacabana enquanto diretor de teatro da emissora, atores e atrizes tiveram participação destacada na criação e na representação da encenação da Via Sacra nas areias de Copacabana.

Com a transmissão ao vivo da encenação, sem entrada de comerciais, pela primeira vez uma novela da Rede Globo (Flor do Caribe) deixou de ser exibida por conta de uma cobertura dessa natureza. Já a Missa de Envio da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) no domingo pela manhã venceu o Grande Prêmio de Fórmula 1 da Hungria – ele não foi transmitido e os comentaristas da Rede Globo Rubens Barrichello, Reginaldo Leme e Luciano Burti sequer foram enviados à Europa para acompanhar a prova. Até então, GPs só deixavam de ser transmitidos se coincidiam com jogos de futebol.

Tudo isto foi alimentado por discursos extremamente positivos de todos os momentos mostrados, com toques de emocionalismo explícito da parte de jornalistas que se tornavam comentaristas, em afirmações como: “Todos os corações já estão abertos para ele (o Papa)”, ou “É muita emoção!”

Além da Rede Globo, a Bandeirantes foi a que deu mais espaço ao evento católico e ao Papa com transmissões ao vivo e alteração da programação, com

linguagem também ufanista na cobertura. Da TV aberta brasileira, apenas Band e Globo tiveram representantes no voo papal desde a saída do Vaticano até o retorno.

Das grandes redes de TV aberta, SBT e Rede Record fizeram uma cobertura “normal” do que deveria ser mesmo tratado como um fato jornalístico de peso. A Record, no entanto, não deixou de registrar suas marcas religiosas contrárias ao catolicismo em reportagens que privilegiavam aspectos negativos do evento e as temáticas polêmicas que o envolviam. Guerras religiosas à parte, a Record acabou prestando um serviço ao mostrar um “outro lado” da semana, incluindo reclamações de moradores de Copacabana com os transtornos que vivenciaram.

O jornalista Paulo Victor Melo em artigo on-line faz afirmação crítica pertinente a esse quadro aqui descrito: “Os telejornais praticamente se transformaram em extensões da assessoria de imprensa do Vaticano; os programas de variedade e entretenimento resumem-se ao papel de retratar hábitos e curiosidades da passagem do primeiro papa latino-americano pelo Brasil. Enfim, uma série de informações desprovidas de senso crítico que abandonam o jornalismo e o interesse público e escancaram uma relação íntima entre mídia e religião no Brasil”.

As críticas do deputado federal pastor Marco Feliciano e do pastor Silas Malafaia à cobertura pre-

dominante nas telas, denunciando a desvantagem dos evangélicos no tratamento, explicita o clima de disputa no campo religioso e midiático e também deixa claro o nível de relacionamento das redes de TV aberta com as religiões. Historicamente pertencentes a famílias economicamente poderosas no País, as TVs refletem o catolicismo conservador, ou seja, trabalham na defesa da tradição católica romana em suas coberturas jornalísticas e em demais programações (a exceção é a Record de propriedade da Igreja Universal do Poder de Deus). Portanto, tudo o que diz respeito à instituição católica e sua reconhecida liderança é reforçado. Tudo o que signifique alinhamento com esta tradição também ganha espaço – o lugar garantido aos padres cantores e à Renovação Carismática Católica mostra bem isto. Tudo o que registre ou mesmo simbolize a chamada igreja progressista é silenciado. Basta buscar o tratamento dado aos encontros nacionais das Comunidades Eclesiais de Base que reúnem milhares de pessoas há décadas: não há. O caráter despojado e humilde do Papa Francisco tão destacado na cobertura da TV afina-se bastante ao tradicionalismo religioso – quem questionaria isto? – porém, os inevitáveis destaques aos discursos do Papa Francisco sobre justiça para os pobres e sobre privilégio pastoral para as periferias soaram como fora de lugar nos textos dos telejornais.

Em relação aos evangélicos, identifica-se uma abertura das redes de TV, mas de forma estreitamente relacionada ao plano mercadológico, ou, aos interesses comerciais, que passam pela venda de espaços nas grades de programação e em captação de audiência e ampliação de mercado, como é o caso da Rede Globo mais recentemente. Com isso ganham também cobertura de seus eventos (shows, marchas) mas não a defesa de seus princípios. Da mesma forma que em relação aos católicos romanos, o que existe nas igrejas evangélicas fora desses padrões midiáticos comerciais não tem espaço nas TVs. Iniciativas confessionais tidas como progressistas no campo sociopolítico são ignoradas e muito mais as ecumênicas. O silêncio em relação à visita do papa a uma congregação da Assembleia de Deus na favela de Varginha é o retrato disso. Já as outras religiões, além de terem tempo mínimo destinado a elas em coberturas jornalísticas e demais programações, quando aparecem, o caráter exótico e curioso é sempre mais destacado na linguagem desenvolvida, com poucas exceções.

Os efeitos políticos desta postura das mídias e seu tradicionalismo religioso já podem ser sentidos e têm como emblema o investimento que fazem nas guerras religiosas e nas polarizações, como foi o “caso Feliciano” em março passado, gravando na memória dos telespec-

tadores nomes e posturas conservadoras que encontram ressonância na população.

Por fim...

Um humorista escreveu em coluna de jornal: “O papa é muito simpático, mas é papa”. Sim, Francisco leva um nome simbólico, expressa atos simbólicos, que o tornam simpático e fonte de esperança de renovação da Igreja Católica, mas do alto do seu pontificado ainda não teve tempo de revelar ações que correspondam a estas expectativas. Transformar a Cúria e o Banco do Vaticano seria pouco. Precisamos aguardar. Afinal, não dá para esquecer que o papa João Paulo II também encantou o Brasil e os diferentes grupos da Igreja Católica em sua primeira visita em 1980, no início do seu pontificado. Foi o primeiro Papa a “peregrinar” pelo mundo, visto como papa do povo; sua atitude de beijar o chão ao descer do avião comovia o público. Na ocasião, João Paulo II falou da igreja que quer ser a igreja dos pobres, foi chamado por Dom Helder Câmara de “irmão dos pobres e meu irmão”, fez discurso em favor dos trabalhadores rurais, visitou a favela do Vidigal, para onde, num gesto simbólico, doou seu anel de ouro, entre outras situações.

Tudo o que foi testemunhado pelo público, agora em 2013, em termos de encantamento com gestos, atitudes e palavras, foi igualmente presenciado em 1980. Cinco anos depois, o primeiro processo do Vaticano contra um teólogo da libertação do Brasil era concluído: frei Leonardo Boff foi condenado a um ano de silêncio obsequioso, perdendo o direito de lecionar e sendo destituído de funções editoriais. Foi o primeiro de mui-

tos outros envolvendo brasileiros, latino-americanos e de outros continentes censurados. Boff declarou em entrevista neste julho de 2013 que o Papa Francisco lhe pediu uma cópia do seu livro sobre o novo pontificado “Francisco de Assis e Francisco de Roma”. Mais uma chave para abrir as portas fechadas? Que não seja apenas uma fresta.

E agora Francisco, depois das jornadas?

Artigo de Luis Alberto Gómez de Souza

“Nesse momento, o papa Francisco deveria sentir que os cristãos que o festejaram no Rio – dos fiéis aos bispos –, continuam ao seu lado. Ele vai precisar de um forte apoio diante de previsíveis resistências de quem está encastelado em setores do poder eclesiástico. Para mostrar coerência ao tomar decisões difíceis, irradia uma forte espiritualidade e lança um apelo vigoroso à conversão de vida e de abertura ao próximo, como na parábola do bom samaritano que tem lembrado. Como isso poderá permitir um novo clima espiritual e de diálogo na Igreja?”, escreve Luiz Alberto Gómez de Souza, diretor do Programa Ciência e Religião da Universidade Candido Mendes.

Eis o artigo.

Em um texto de 21 de julho, antes da vinda de Francisco, me perguntava se não poderia haver uma contradição entre a jornada, desenhada como um gran-

de espetáculo, como as anteriores dos dois pontificados precedentes e o estilo simples e os gestos eloquentes e inovadores de Francisco. “Como se situará Francisco nesse teatro de massas?... Poderá talvez surpreender com gestos inesperados”.

Não por acaso, antes de encontrar uma grande multidão, ele foi a Lampedusa, quase só, lançando flores à água por quem morrera querendo chegar à Europa e depois celebrou uma missa íntima para imigrantes clandestinos, tendo como altar um barco emborcado, com um báculo e um cálice de madeira e onde questionou o que chamou de “globalização da indiferença”. Criticou fortemente “uma sociedade que esqueceu a experiência de chorar”. Saudou os muçulmanos presentes que festejavam o Ramadã. Para um analista, ali começava sua missão universal, não envolto com títulos de uma tradição de origem pagã, como “soberano pontífice”, ou de

certo endeusamento, como “santo padre”. Basicamente Francisco, bispo de Roma, irmão maior dos outros bispos do mundo.

A jornada, apesar de sua enorme dimensão, teve uma excelente organização e representou um forte chamado a jovens do mundo inteiro, que responderam com entusiasmo e alegria. Entretanto, pelo seu desenho preparado com antecipação, inevitavelmente voltou a denominações antigas do papado, privilegiou devoções tradicionais, com pouca presença bíblica, apresentou três testemunhos de vida individual, próximos daqueles que vemos na televisão em programas pentecostais, com forte presença de movimentos mais intimistas, quase nenhuma visibilidade de pastorais sociais e das CEBs. Jornadas anteriores tinham tido também momentos de forte emoção, para depois, aparentemente, não deixarem muitos sinais de crescimento na vida real das igrejas locais. A das Filipinas foi ainda maior do que a do Rio. Não sei qual foi a incidência na Igreja daquele país. Isso torna mais extraordinário o que senti ao final da estadia de Francisco entre nós.

Terminada a jornada do Rio de Janeiro, podem-se perceber alguns pontos significativos. Em primeiro lugar, Francisco passou um tom pessoal muito forte, dirigindo-se a uma multidão como se falasse e olhasse a

cada um em particular. São inúmeros os testemunhos de gentes – não só os jovens – sensibilizados pelo seu estilo, de tocar “delicadamente no coração” de cada pessoa. Há várias narrativas de cristãos e não cristãos que se sentiram interpelados diretamente por Francisco.

Em segundo lugar, sua mensagem foi eloquente e firme, com uma roupagem simples e às vezes despretenhiosa. Numa entrevista a um jornalista, ele voltou a falar sobre a globalização da indiferença, continuando o que dissera em Lampedusa: “Hoje em dia há crianças que não têm o que comer no mundo. Crianças que morrem de fome, de desnutrição. Há doentes que não têm acesso a tratamento. Há homens e mulheres que são mendigos de rua e morrem de frio no inverno. Há crianças que não têm educação. Nada disso é notícia... Esse é o drama do humanismo desumano que estamos vivendo. Por isso, é preciso recuperar crianças e jovens, e não cair numa globalização da indiferença”.

Desafiou fortemente o episcopado, na fala ao CELAM. Ali ele se insurgiu com uma psicologia de príncipes, vendo riscos de carreirismos e uma preocupante distância diante dos fiéis. Desde suas declarações em Roma, vinha se rebelando contra o narcisismo de uma Igreja amuralhada e fechada sobre si mesma e insistindo no acolhimento e no diálogo (numa ocasião, repetiu essa palavra três vezes). Na

entrevista citada acima, disse que é fundamental a proximidade da Igreja: "Porque a Igreja é mãe e nem você nem eu conhecemos uma mãe por correspondência. A mãe dá carinho, toca, beija, ama ... quando só se comunica com documentos, é como uma mãe que se comunica com seu filho por carta". Para ele, já tinha dito, os sacerdotes deveriam de ter "o cheiro das ovelhas".

E sobre os jovens: "O jovem que não protesta não me agrada. Porque o jovem tem a ilusão da utopia... O jovem é essencialmente um inconformista. E isso é lindo". E, na última homilia, ele indicou aos jovens: "ide, sem medo, para servir". Valorizou a ação política dos fiéis no mundo e dos jovens em especial.

A visita a Manguinhos foi um dos pontos altos, rodeado pelo povo pobre, sujeito e objeto preferencial de sua ação pastoral. Encorajou os esforços que se fazem na sociedade brasileira de combate à fome e à miséria. Lembremos que na sociedade há atores da sociedade civil, mas também aqueles da sociedade política e aí se incluem programas governamentais em curso. Nesse momento, teve um gesto eloquente, que os meios de comunicação não valorizaram. Ele se dirigiu a uma Igreja evangélica, onde na porta estavam o pastor e seus fiéis e, com eles, rezou o Pai-nosso.

Em Aparecida desenvolveu, como bom jesuíta, três pontos de reflexão: conservar a esperança, deixar-se

surpreender por Deus e viver na alegria. Penso que isso ele vem aplicando a si mesmo. Observando seu itinerário desde Buenos Aires, há uma profunda caminhada, de quem foi se deixando surpreender por Deus. Não quero continuar elencando trechos de suas falas, que estão publicadas em muitos lugares. O importante é sentir como elas foram ditas, com um olhar penetrante e cativador, anunciando a boa nova de Jesus.

É interessante constatar como ele aproveitou entrevistas – principalmente, a que deu no avião de volta –, para passar seus recados, fora dos moldes da jornada. Naquela, a caminho de Roma, falando da ética sexual, sem sair da doutrina tradicional, não quis reiterar condenações. Há sites de setores conservadores que estão exprimindo insatisfação e falam de um "silêncio preocupante", pois não condenou explicitamente o aborto, as uniões homossexuais, a ordenação de mulheres, nem reiterou o celibato obrigatório. Apenas indicou que há uma doutrina vigente para esses casos. Em entrevista que dei, referi-me a "silêncios libertadores". Há agora mais espaço, no povo de Deus, para enfrentar, sem medos e autocensuras, temas que estavam até agora congelados. A Igreja poderá ter um clima mais livre e há que aproveitar esse momento. Vejo chegar um tempo mais aberto em que poderíamos discutir assuntos que pareciam tabus. Além disso, dando o exemplo das mulheres

paraguaias no fim de uma guerra que eliminou grande parte dos homens, fez sentir como uma doutrina pode ser relida em certos contextos concretos.

Não se trata de querer que Francisco introduza rapidamente novas mudanças doutrinárias, numa atitude de esperar novas receitas e normas de cima para baixo. É o povo de Deus que tem que amadurecer posições diante de novas situações existenciais. Para isso, análises pessimistas não ajudam em nada. No oposto de um lado tradicionalista, pode haver um setor hipercrítico que questiona e acaba, paradoxalmente, em sentido inverso, tendo o mesmo resultado paralisante daquele. Sem querer, seria fortalecer, no lado oposto, a mesma posição conservadora. Isso se vê muito claro, por exemplo, na vida política da sociedade, com uma extrema esquerda que acaba reforçando a direita. Vivi a posição suicida do MIR¹ no Chile, para temer posições radicais e negativas, que fazem se encontrar os dois extremos do espectro ideológico. Guardadas as proporções e as diferenças, alguma coisa parecida poderia ocorrer na Igreja, nestes tempos de transição. Seria fundamental unir esforços e,

lembrando João XXIII – que, não esqueçamos, era conservador em muitos aspectos –, colaborar com o surgimento de uma outra “inesperada primavera”.

O importante agora é o que está por vir. Francisco voltou para Roma fortalecido pela energia que deu e recebeu. Esperemos que possa passar de gestos e sinais, para medidas que introduzam algumas mudanças estruturais na Igreja e, principalmente, no seu centro romano. Nesse momento, deveria sentir que os cristãos que o festejaram no Rio – dos fiéis aos bispos –, continuam ao seu lado. Francisco vai precisar de um forte apoio diante de previsíveis resistências de quem está encastelado em setores do poder eclesial. Para mostrar coerência ao tomar decisões difíceis, irradia uma forte espiritualidade e lança um apelo vigoroso à conversão de vida e de abertura ao próximo, como na parábola do bom samaritano que tem lembrado. Como isso poderá permitir um novo clima espiritual e de diálogo na Igreja? Não depende só de Francisco, mas fundamentalmente de setores eclesiais comprometidos e plurais, na liberdade ao mesmo tempo fiel e rebelde de filhos de Deus.

1 Movimiento de Izquierda Revolucionária, movimento chileno fundado em 1965, apoiador das reformas propostas por Salvador Allende.

Sobre os autores e entrevistados



Paulo Suess nasceu na Alemanha. Em seu país, obteve o título de doutor em Teologia Fundamental pela Universidade de Münster. Desde 1979, é Assessor Teológico do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Em 1987, fundou o Departamento de Pós-Graduação em Missiologia na Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. Atualmente, é professor na Pós-graduação em Missiologia do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (Itesp) e membro da Equipe Executiva do Conselho Missionário Nacional.



Sérgio Ricardo Coutinho dos Santos é mestre em História pela Universidade de Brasília – UnB e doutorando na mesma área pela UFG. É professor do curso de pós-graduação *lato-senso* em História do Cristianismo Antigo da UnB e

presidente do Centro de Estudos em História da Igreja na América Latina – CEHILA-Brasil. É assessor nacional da Comissão Episcopal para o Laicato – CEBs, vinculada à CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil



João Batista Libânio é padre jesuíta, escritor e teólogo. É doutor em Teologia, pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) de Roma. Atualmente, leciona na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e é Membro do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais. É

autor de inúmeros livros, dentre os quais *Teologia da revelação a partir da Modernidade* (5. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2005), *Qual o caminho entre o crer e o amar?* (2. ed. São Paulo: Paulus, 2005), *Qual o futuro do Cristianismo?* (2. ed. São Paulo: Paulus, 2008) e *Para onde vai a juventude?* (2. ed. São Paulo: Paulus, 2011).



Brenda Carranza possui graduação em Teologia pela Universidade Francisco Marroquim – UFM, na Guatemala, bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, e bacharelado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas/Pontifício

Ateneo Santo Anselmo, PUC-Campinas/Roma. É mestre em Sociologia pela Unicamp e doutora em Ciências Sociais pela mesma instituição. Docente na PUC-Campinas, Brenda é também coordenadora da *Coleção Sujeitos e Sociedade* da editora Ideias & Letras.



A teóloga **Ivone Gebara**, paulistana, é doutora em Filosofia pela Universidade Católica de São Paulo e em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Ela lecionou durante 17 anos no Instituto de Teologia do Recife, até sua dissolução, decretada pelo Vaticano, em 1989.

Atualmente, vive e escreve em Camaragibe, Pernambuco. Percorre o Brasil e diferentes partes do mundo, ministrando cursos, proferindo palestras sobre hermenêutica feminista, novas referências éticas e antropológicas e os fundamentos filosóficos do discurso religioso. É autora de *Rompendo o Silêncio: uma fenomenologia feminista do mal* (Petrópolis: Vozes, 2011).



Manoel Godoy é graduado em Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, mestre em Práxis Cristã pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, Belo Horizonte. Foi assessor da CNBB por dez anos e membro da Organização dos Seminários Latino-Americanos, do

CELAM/Bogotá. Atualmente é diretor executivo do Instituto Santo Tomás de Aquino – ISTA, professor do Instituto de Teologia Pastoral – ITEPAL, e do Centro Loyola, em Belo Horizonte.



Pedro Ribeiro de Oliveira é doutor em Sociologia pela Université Catholique de Louvain, na Bélgica. É professor do PPG em Ciências da Religião da PUC-Minas. Dentre suas obras, destacamos *Fé e Política: fundamentos* (Aparecida: Ideias & Letras, 2004),

Reforçando a rede de uma Igreja missionária (São Paulo: Paulinas, 1997) e *Religião e dominação de classe* (Petrópolis: Vozes, 1985).



Moisés Sbardelotto é mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, na linha de pesquisa Mídia e Processos Sociais. Atualmente é doutorando no Programa de Pós-Graduação na Unisinos. É bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e autor de *E o Verbo se fez bit: uma análise de experiência religiosa na internet*. Cadernos IHU, 35ª edição.



Dom Mauro Morelli, bispo emérito da Diocese de Caxias e São João do Meriti, no Rio de Janeiro, é fundador do Instituto Harpia Harpyia e um dos articuladores do Movimento pela Ética na Política que lançou a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Esteve à frente

da criação do primeiro Conselho de Segurança Alimentar, em 1993, para a superação dos males da fome. Promotor de Nutrição do Comitê Permanente de Nutrição da ONU, promoveu o Mutirão de Combate à Desnutrição Materno-Infantil da Diocese de Duque de Caxias, RJ. Atualmente preside o CONSEA/MG – Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável.



Lúcia Ribeiro, doutora em Sociologia pela Universidade do México. É também assessora de movimentos sociais, particularmente vinculada às Comunidades Eclesiais de Base. É autora de *Entre (in)certezas e contradições: práticas reprodutivas entre mulheres das Comunidades Eclesiais de*

Base da Igreja Católica (Rio de Janeiro: NAU, 1997) e *Sexualidade e reprodução: o que os padres dizem e o que deixam de dizer* (Petrópolis: Vozes, 2001). Em parceria com Leonardo Boff, publicou *Masculino/Feminino: experiências vividas* (Rio de Janeiro: Record, 2007).



Magali do Nascimento Cunha

é graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal Fluminense. É mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professora na Universidade Metodista de São Pau-

lo, é autora de *A explosão gospel. Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil* (Rio de Janeiro: Mauad, 2007).



Luis Alberto Gómez de Souza

é graduado em Direito pela PU-CRS e pós-graduado em Ciência Política pela Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (Flacso), Santiago do Chile e doutor em Sociologia pela Universidade de Paris Sorbonne Nouvelle.

Atualmente, ele é diretor do Programa de Estudos Avançados em Ciência e Religião da Universidade Candido Mendes.

Cadernos Teologia Pública: temas publicados

- N. 1 – *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- N. 2 – *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- N. 3 – *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- N. 4 – *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 – *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- N. 6 – *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 – *Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- N. 8 – *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 – *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 – *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 – *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 – *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 – *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 – *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- N. 15 – *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 – *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 – *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 – *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- N. 19 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 – *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel

- N. 22 – *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- N. 23 – *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 – *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- N. 25 – *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 – *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 – *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 – *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 – *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 – *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 – *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier
- N. 32 – *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 – *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 – *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 – *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 – *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 – *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 – *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 – *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 – *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 – *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 – *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 – *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 – *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 – *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 – *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 – *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 – *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels

- N. 49 – *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 – *“Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 – *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 – *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 – *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 – *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 – *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 – *Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum”* – Andrea Grillo
- N. 57 – *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 – *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 – *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 – *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 – *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 – *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 – *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 – *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 – *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 – *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 – *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 – *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 – *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislando Nóbrega de Lima
- N. 70 – *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 – *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 – *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
- N. 73 – *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
- N. 74 – *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haigh
- N. 75 – *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan

- N. 76 – *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
- N. 77 – *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
- N. 78 – *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne